Jill Mansell

Amores Proibidos

Tradução de Isabel C. Penteado

A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.

CHÁDASCINCO
Livros com sexto sentido

Outros títulos da autora:

A Felicidade Mora ao Lado

A Pensar em Ti

Doce Vingança

Irresistível Tentação

Uma Oferta Irrecusável

Resistir ao Amor

Romance Atribulado

Encontro Inesperado

Amores Proibidos

Para a minha mãe.

Capítulo 1

Não sei se hei de beber cidra ou Chablis. — Jessie Roscoe apoiou os cotovelos no balcão e mordiscou uma haste dos óculos de sol salpicados de tinta enquanto meditava sobre o assunto.

— E eu não sei se hei de servir-te. Tens a certeza de que tens idade suficiente para beber? — disse Oliver.

— Oh, — suspirou Lili, — quem me dera que alguém me dissesse isso!

Jessie vasculhou energicamente os bolsos das calças de ganga e conseguiu, finalmente, desenterrar uma nota de cinco. Acenou carinhosamente com a nota debaixo do nariz de Oliver.

— Cidra para a tua velha e querida mãe. É melhor fazeres-me um panaché, não quero ficar zonza. Lili, e para ti?

— Coca-Cola. Não quero ficar podre de bêbeda. — Lili parecia pesarosa. Uma bebida de jeito seria maravilhoso, mas era esse o problema com as crianças: quando estavam por perto, era preciso estar-se bem alerta.

O pub Seven Bells era frio, escuro e vagamente húmido, com os aromas enraizados da cerveja e do fumo de cigarro misturados com cera de abelhas e o cheiro a refogado de cebola e alho que vinha da cozinha. Quando Oliver acabou de as servir, as duas atravessaram o pub vazio em direção ao pátio das traseiras.

Era meio-dia e cinco e o sol estava abrasador. Lili estacionou o pesado carrinho de bebé duplo à sombra de um lilaseiro enquanto Jessie enxotava vespas curiosas das bebidas e abria um pacote de Twiglets.

— Olha para eles. Parecem uns reformados na praia de Bournemouth. — Jessie acenou com a cabeça para as crianças, ambas a dormir profundamente no carrinho, de costas uma para a outra, boca aberta, queixo apoiado no peito e joelhos afastados. William, de dois anos de idade, o filho mais novo de Lili, estava agarrado a um Action Man despido. Freya, de um ano, filha de um casal da aldeia e de quem Lili tomava conta, ressonava baixinho e chuchava no polegar.

Lili esperava que se mantivessem a dormir. Se acordassem, William berraria para que o pusessem no baloiço e Freya gritaria ainda mais alto

porque também ia querer o mesmo. Depois gritariam por batatas fritas, bebidas e mais bebidas, e como estavam ambos naquela fase em que querem investigar tudo — pedaços de vidro partido, bebidas das outras pessoas, conteúdo dos cinzeiros —, Lili sabia que o melhor era desistir de imediato e levá-los para casa.

Vinte minutos, é tudo o que peço, pensou ela sem grande esperança. *Vinte minutos de paz abençoada e conversa de adultos*.

— Céus, assim está melhor! — disse Jessie com a voz entrecortada depois de emborcar de uma vezada metade do panaché gelado. Girando no banco, palpou ambos os bolsos traseiros, localizou um tubo de Ambre Solaire e passou-o a Lili por cima do ombro. — Podias pôr-me um bocado nas costas? — A camisola era bem decotada, à frente e nas costas, e embora a sua pele bronzeasse com facilidade, já estava com um ligeiro tom rosado. Ela retorceu-se quando Lili espalhou um pouco de creme numa zona queimada e disse: — Tiveste notícias do Michael?

— Telefonou ontem à noite. — Lili ouviu a falta de entusiasmo na própria voz e ficou secretamente horrorizada. Por amor de Deus, o marido estava fora havia seis meses, a trabalhar do outro lado do mundo, no Dubai, e ela nem sequer conseguia ter energia para sentir saudades dele! Francamente, que tipo de mulher era ela? — Ele regressa na próxima sexta-feira e vai ficar oito semanas. Vou ter de comprar doce de laranja.

— E muitos calmantes, — Jessie olhou para ela por cima do ombro, — para a eventualidade de explodires com o entusiasmo.

Lili fez uma careta e voltou a tapar o tubo de protetor solar. Não era só ela. Aparentemente, a ausência também não tinha amolecido o coração de Michael.

— Sabes, quando ele aceitou este trabalho fora, eu pensei que ia ser tão romântico! — Tirou um pulgão que estava no copo e depositou-o cuidadosamente na roseira que estava atrás. — Imaginei contas telefónicas astronómicas, não conseguir dormir à noite por estar cheia de saudades dele, ir para o Heathrow às quatro da manhã para o ir buscar ao avião, a correrm-os um para o outro em câmara lenta, ele a levantar-me nos braços e a rodopiar-me no ar… — Na fantasia de Lili, ela tinha um elegante corpo de sílfide. — E depois, — concluiu ela com um encolhimento de ombros, — bem, desejo e paixão avassaladores. E sexo desenfreado.

— Fá-lo na próxima sexta-feira. — Enquanto falava, Jessie puxou o lenço púrpura que segurava o cabelo comprido, baixou a cabeça para a frente, juntou o aglomerado de caracóis escuros e tornou a atar o lenço num laço torto. — Vai até ao Heathrow às quatro da manhã e atira-te aos braços dele. Vê o que acontece.

— Em primeiro lugar, ia fazer figura de parva porque o avião só chega

às onze. Em segundo, ele diria «Que raios estás a fazer aqui? E se isso é batom, não me sujes a camisa». Em terceiro lugar, — concluiu Lili, contando pelos dedos, — eu ia esmagá-lo.

Jessie ignorou o último comentário. Quem ouvisse Lili diria que era do tamanho de um tanque, o que não era verdade. Lili era simplesmente roliça, tinha uns enormes olhos cor de avelã, um brilhante cabelo castanho-claro, umas covinhas fantásticas nas bochechas e uma boquinha que parecia um botão de rosa. Se não fossem as calças de ganga velhas e a camisola de algodão às tiras, podia muito bem ser um personagem saído de um quadro de Renoir. Não pesava certamente o suficiente para esmagar o marido.

O que, segundo Jessie, era uma pena. Porque se havia alguém a precisar de uma boa esmagadela, era Michael Ferguson.

Enquanto refletiam descontraidamente acerca das deficiências do marido de Lili, ouviram o ruído surdo de um camião que se afastava na Water's Lane, interrompendo o silêncio tranquilo de Upper Sisley numa tarde quente de quarta-feira.

— Carrinha de mudanças — disse Lili alegremente, lembrando-se que era essa a novidade que tencionara contar a Jessie. — Duas delas apareceram esta manhã na Sisley House, duas coisas enormes. Finalmente alguém vai viver para lá.

Ela parecia tão mais animada agora. Jessie viu o brilho de interesse nos olhos dela. A perspetiva de a Sisley House ter novos moradores era claramente muito mais apelativa do que a do regresso de Michael.

— Camião de mudanças — anunciou Oliver, baixando a cabeça para evitar a madressilva que emoldurava a porta quando se juntou a elas no pátio. — Sinais de vida na casa.

— Essa já é velha — disse Jessie com descontração. — Já sabíamos.

Oliver fez um ar frustrado. — Sim, mas não sabem quem a comprou. — Debruçou-se sobre a mesa e serviu-se de Twiglets. Um irritante ar de mistério tinha andado a dominar o rosto de Harry Norton, o agente imobiliário local que estava a tratar da venda da propriedade, que tinha permanecido estranhamente calado sobre a identidade do novo proprietário. Até Jessie, por quem Harry sentia uma grande atração, não tinha sido capaz de lhe extrair a informação.

— Depressa descobriremos — disse ela, batendo na mão de Oliver quando ele a estendeu para tirar mais Twiglets. — Não tens nada para fazer?

— Vocês são as minhas únicas clientes. — Oliver sorriu para a mãe e surripiou à mesma outro Twiglet. — Estou a limpar-vos a mesa.

— Se o Harry está assim tão reservado, deve ser alguém famoso — disse Lili.

— Dissemos ao velho Cecil que era a Madonna, — disse Oliver rasgando mais o sorriso, — e ele foi a correr comprar um CD dela.

— Já tinha ouvido dizer. — Jessie dirigiu-lhe um olhar reprovador. — Pobre Cecil. Tentou tocá-lo no gramofone.

— Pode ser realeza — disse Lili, arregalando os olhos castanhos-claros.

— Pode ser um barão da droga, — disse Oliver, — ou um traficante de armas. Ou um recluso.

Freya mexeu-se e começou a choramingar quando o telemóvel de Jessie tocou.

— J.R. Serviços Decorativos, posso ajudá-lo?

— Espero bem que sim. — Era uma voz masculina. — Preciso de fazer umas remodelações e deram-me o seu número. Vocês são uma firma pequena sedeada em Upper Sisley, certo?

— Exatamente. — Jessie fez um ar apologético a Lili, que estava de joelhos a tentar desesperadamente voltar a adormecer Freya. Acordado pelo choro aflitivo da menina, os olhos de William arregalaram-se e também ele começou a choramingar.

— Céus, parece que está com problemas. — A voz do outro lado da linha parecia divertida. — Olhe, vou dar-lhe o meu número. Talvez fosse melhor pedir ao seu marido para me ligar depois.

Jessie viu Oliver tentar corajosamente ajudar e encolher-se quando Freya lhe espetou um dedo no olho.

— Não tenho marido.

— Bem, desculpe… quem quer que execute o trabalho. Se ele me telefonar, podemos combinar uma hora para ele vir dar uma olhadela ao espaço.

— Na verdade, — Jessie ergueu a voz para se fazer ouvir por cima dos berros, — não é um ele. Sou eu.

— Credo! E as crianças?

O homem parecia chocado.

— Aaaaargh! — gritou Oliver, agarrando-se à parte da frente das calças de ganga quando William fez uma tentativa furiosa para se libertar. — Ele deu-me um pontapé!

Jessie sorriu e obrigou-se a concentrar-se. A ligação não estava grande coisa. — Não se preocupe, quase nenhuma é minha. — Levantou-se e afastou-se da barulheira, inclinando o telefone de um lado para o outro num esforço para melhorar a receção. — Bem, onde se encontra e quando é que lhe dá jeito que eu vá aí?

Ela ainda não conseguia ouvir bem. De onde estaria a telefonar aquele tipo? De Bucareste? Trepou para cima de um dos bancos rústicos e depois para cima da mesa. Agora tinha uma boa vista sobre o muro alto que de-

limitava o jardim do pub, mesmo em frente do largo da aldeia. Estava a chegar outra carrinha de mudanças ao portão de entrada da Sisley House.

— Sisley House, — disse a voz ao telefone, — e pode aparecer assim que quiser. Isto aqui está bastante caótico, mas o trabalho tem de ser feito.

A receção tinha melhorado abruptamente, o ruído tinha desaparecido. Jessie sentiu o estômago dar uma lenta reviravolta e olhou estupefacta para o telhado pontiagudo da Sisley House e para as poucas janelas do primeiro andar que não estavam tapadas por árvores. Se ela estava a falar com quem achava que estava a falar…

Oh, céus, pensou Jessie, *como é possível eu não ter reconhecido imediatamente esta voz?*

Atrás dela a gritaria tinha cessado. Oliver tinha colocado o chapéu rosa e branco de Freya na cabeça e estava a fazer umas caretas assustadoras, provocando ataques de riso em William. Lili, ainda de joelhos, acalmava Freya com uma garrafa de sumo de groselha.

— Sabe onde fica, não sabe? — perguntou a voz do outro lado da linha.

Estou em choque, pensou Jessie. Recompôs-se. De repente, estava à beira de um rio frio como gelo e tinha duas opções: ou entrava devagarinho na água, ou fechava os olhos, tomava fôlego e mergulhava.

— Sim. — Tomou o fôlego necessário. — Sei onde fica. Na verdade, estou neste momento no pub mesmo em frente, do outro lado da rua. E se eu fosse aí agora?

— A mãe está com uma cor estranha — disse Oliver, olhando para ela. — Será que vai desmaiar? Mãe, sentes-te bem?

— Perdão, pode dizer-me o seu nome? — perguntou Jessie, só para ter a certeza. Não valia a pena fazer figura de parva se, afinal, não fosse ele.

— Gillespie. Toby Gillespie.

— Anda, mãe. Desce daí. — Oliver agarrou-lhe na mão e ajudou-a a sair da mesa. A ligação piorou outra vez.

Jessie disse: — Está bem, vou já aí — e desligou o telefone.

Oliver olhou interrogativamente para ela. — Quem era?

— O novo proprietário da Sisley House.

— A sério? Quem é?

— Toby Gillespie.

— Não! — guinchou Lili, iluminando-se como uma árvore de Natal. — Toby Gillespie, o ator?

Se ia mergulhar de cabeça num rio gelado, era razoável tomar precauções, pensou Jessie.

Olhou para Lili, que nunca ia a parte nenhuma sem o conteúdo da Boots the Chemist na sua enorme mala a tiracolo. — Esse mesmo. Hum… tens rímel à prova de água?

Capítulo 2

O camião que ela tinha visto a chegar estava agora estacionado no cimo do caminho de acesso à casa. Quando Jessie se aproximava da entrada, dois homens, profusamente transpirados, descarregaram um Chesterfield de veludo azul-escuro, atravessaram o caminho de cascalho e entraram na casa.

A sólida porta apainelada a carvalho estava escancarada, mas quando Jessie lá chegou, os homens tinham desaparecido. Jessie tentou tocar à campainha, mas esta tinha sido desligada. Hesitou à porta, sentindo-se um pouco estúpida. E sentiu quase um alívio quando ouviu um estrondo metálico por detrás da porta à sua frente, à esquerda, e uma voz masculina exclamar num tom aborrecido: — Oh, merda!

Estava na hora de dar o tal mergulho.

Jessie abriu a porta e deparou-se com a cozinha. Havia pilhas de caixotes por todo o lado e estava um adolescente, com cabelo escuro pelos ombros, ao pé da pia, a olhar impotentemente para uma lata verde vazia e uma explosão de açúcar no chão. Num dos caixotes estava sentada de pernas cruzadas uma bonita rapariga loura, de T-shirt branca e carradas de sombra lilás nos olhos a condizer com os calções, a ler uma revista.

O rapaz olhou para Jessie com uma expressão defensiva.

— Não fiz de propósito. Escorregou-me da mão.

Sem se dar ao trabalho de erguer os olhos, a rapariga loura disse: — Aposto como dizes isso a todas as miúdas.

O rapaz ficou da cor do tomate.

— A mãe disse que eu tinha de fazer chá para os homens das mudanças. Não é justo. O que vou fazer eu agora?

Enquanto falava, a água na chaleira atrás do seu cotovelo entrou em ebulição. O vapor atingiu-lhe o braço e ele soltou um grito, deu um salto para longe da pia e esmagou açúcar com os pés.

— Volta a metê-lo na lata — sugeriu a rapariga. Olhou para Jessie de sobrancelhas levantadas. — Ninguém vai dar por isso, pois não?

Jessie hesitou. Os ténis do rapaz não pareciam assim tão higiénicos. Sem grandes esperanças, disse: — Tens uma pá e uma vassoura?

— Deve haver algures. Num dos caixotes, provavelmente.

O rapaz acabou de verter a água fervente para dentro de cinco chávenas desirmanadas e de uma molheira azul e dourada. Depositou saquetas de chá em cada uma, limpou uma colher à perna das calças de ganga e depois ajoelhou-se e começou a apanhar açúcar do chão com a colher.

— Espera. — Jessie ergueu as mãos como um polícia sinaleiro. — Deixa estar isso. Volto já, ok?

— Mas quem és tu? — A rapariga loura parecia mais curiosa que preocupada.

— Pintora e decoradora. Vim falar com o teu pai.

— Ah, certo. Ele anda por aí. — A rapariga passou os dedos pelo cabelo louro sedoso e sorriu para Jessie. Depois continuou a ler a revista.

Na porta ao lado, na Keeper's Cottage, Drew atendeu a porta de boxers amarrotados às riscas pretas e brancas.

— Podes emprestar-me uma pá e uma vassoura? — perguntou Jessie.

— Céus, adoro quando dizes coisas indecentes.

— E açúcar também?

Jessie seguiu-o até à cozinha, seis vezes menor e tão caótica quanto a dos Gillespie. Drew e Jamie, ambos veterinários, partilhavam a pequena casa de campo alugada com Doug Flynn, um interno em urgências no Harleston General. Quando não estavam a trabalhar, estavam a jogar râguebi ou críquete, e quando não estavam a jogar râguebi nem críquete, emborcavam quantidades surpreendentes de cerveja e viam râguebi e críquete na televisão.

Aproximavam-se rapidamente os três da casa dos trinta, mas nenhum dava sinais de querer assentar. Tanto quanto era dado a perceber a Jessie, Drew e Jamie passavam muito tempo a conversar sobre miúdas, enquanto Doug dormia simplesmente com uma quantidade infindável delas. Ela dava-se bem com os três, mas gostava especialmente de Drew, com os seus olhos alegres e sorriso de menino maroto.

Como a vida caseira não era o ponto forte deles, Jessie ficou impressionada quando ele encontrou a pá e a vassoura quase de imediato. Viu-o bocejar enquanto despejava açúcar para dentro de uma caneca.

— Desculpa, acordei-te. Pareces exausto.

Ele virou-se e sorriu para Jessie. — A culpa não é tua. Estive a noite toda acordado por causa de uma vaca.

— Bom resultado?

— Gémeos. — Bocejou de novo, viu as horas no relógio de pulso e

olhou pela janela da cozinha para o relvado coberto de vegetação. — É melhor despachar-me, tenho uma cirurgia às duas. Estranho, — continuou, abanando a cabeça, — sonhei que o jardim estava cheio de tanques de guerra.

— Deves ter ouvido as carrinhas de mudanças no caminho de acesso à casa do lado.

— Vai morar para lá alguém? — Drew abriu o frigorífico, cheirou um pacote de sumo de laranja e bebeu o conteúdo. — Já se sabe quem é?

— Um ator. — Jessie sentiu de novo um aperto no estômago, aquele nó nervoso. — O Toby Gillespie e a família.

As sobrancelhas louras de Drew ergueram-se. — O Toby Gillespie? Aquele que tem a tal mulher?

— Muita gente tem mulher, Drew. — Jessie descobriu que era difícil soar normal.

Mas Drew já estava a sorrir abertamente, a boca praticamente esticada de orelha a orelha. — Ah, mas ele tem A Mulher. Deborah, é o nome dela, não é? Ela é cá um pedaço de mau caminho!

— Ela é mais velha que eu — protestou Jessie. — Por amor de Deus, deve ter uns quarenta! Como é que podes chamar pedaço de mau caminho a uma quarentona?

O encolhimento de ombros de Drew foi bem-humorado. — Seja o que for. Posso chamar-lhe o que ela quiser. Ora, ora, a Deborah Gillespie, nossa nova vizinha. — Piscou lascivamente o olho a Jessie. — Pode ser divertido.

Quando ela regressou, já era tarde de mais. Os homens das mudanças, agora exibindo desagradavelmente o tronco nu, tinham-se instalado confortavelmente em dois sofás de camurça pretos no caminho de acesso à casa e estavam estendidos ao sol, a fumar e a beber o seu chá.

— Precisam de mais açúcar? — Jessie ofereceu-lhes a caneca estalada de Drew, mas eles abanaram a cabeça.

— Não, obrigado, querida, temos bastante — disse alegremente um deles. — O rapaz já nos deu.

Não havia sinal do rapaz na cozinha, apenas um monte de saquetas de chá encharcadas em cima da bancada ao lado da chaleira e mais pegadas sobre o açúcar espalhado pelo chão.

— Olá — disse a rapariga loura, evidentemente imperturbada com o reaparecimento de Jessie. — Se os homens caírem para o lado e morrerem, podemos culpar o Dizzy. Ele acabou de encontrar uma coisa podre agarrada à sola do sapato. Parece um rato morto. — Abanou a cabeça. — Sinceramente, ele é mesmo um cretino!

— Hum… já viste o teu pai? É que ele está à minha espera.

— Não se aflija, ele virá ter consigo quando estiver pronto. Porque não relaxa? — sugeriu a filha de Toby. — Se quiser fazer um chá, esteja à vontade — acrescentou generosamente, esticando-se de cima da sua mala de viagem e oferecendo a Jessie a molheira Royal Doulton. — Tome, pode usar a minha caneca.

Jessie estava de joelhos a varrer açúcar de debaixo da mesa quando a porta da cozinha se escancarou atrás de si.

— Deixa o raio da revista por um minuto! Porque é que não me avisaste que a decoradora já tinha chegado? Segundo o Dizzy, ela chegou há eras e foi-se embora outra vez.

Era a voz de Toby e ele parecia exasperado. Imóvel debaixo da mesa, Jessie olhou para a esquerda e viu os pés dele. Antes que tivesse tempo de se mexer, os sapatos de vela azuis desbotados ficaram em companhia de um par de sandálias rasas cor de bronze que envolviam, provavelmente, os pés mais elegantes, bronzeados e glamorosos que ela já tinha visto.

— Querido, vais ter de dizer àqueles homens das mudanças que têm de se vestir. Estão a suar como porcos em cima dos sofás pretos.

— Ela voltou. — Savannah Gillespie parecia confusa. — Não sei onde terá ido agora. Estava aqui há instantes.

— Ainda estou — disse Jessie, muito embora fosse extremamente tentador permanecer debaixo da mesa. Estar novamente cara a cara com Toby passados mais de vinte anos não estava a ser exatamente como ela esperara.

Como a minha vida, pensou Jessie quando recuava cuidadosamente do seu esconderijo. *Regra número um: nunca nada corre de acordo com o plano*.

Deborah Gillespie, que tinha o resto do corpo tão elegante como os pés, desatou a rir às gargalhadas.

— Céus! O que estava a fazer aí em baixo? A esconder-se de nós?

Jessie não conseguia olhar para Toby; tudo o que conseguiu vislumbrar de relance foi uma camisa e umas calças de ganga desbotadas. Levantou a pá meio cheia. — Entornou-se um bocado de açúcar. Eu estava só a apanhá-lo.

Deborah parecia perplexa. — Não compreendo. Como é que entornou o açúcar? Não me diga que os meus filhos inúteis ficaram a olhar enquanto você fazia o chá para os homens das mudanças!

— Não foi isso…

— Jess? Jess, és tu?

Toby estava a olhar fixamente para ela.

Jessie devolveu o olhar estupefacto. Sorrindo ligeiramente, anuiu com a cabeça.

— Sim, sou eu. Olá, Toby.

— Jess! Isto é… incrível.

Deu um passo em frente, hesitou por um momento e depois deu a volta à mesa e agarrou-lhe nos braços. Jessie desejava não ter uma pá numa mão e uma vassoura na outra.

Ela viu de relance a expressão de espanto nos olhos castanhos-escuros de Deborah Gillespie quando Toby a beijou afetuosamente em ambas as faces. Até Savannah já tinha, por essa altura, pousado a revista para poder assistir.

— Presumo que se conheçam — disse finalmente Deborah.

— Há muito tempo. Anos e anos. Meu Deus, não consigo acreditar. — Ainda surpreendido, Toby apertou-lhe os pulsos. Prazer misturou-se com uma ponta de culpa enquanto observava atentamente o rosto corado de Jessie. — Nós éramos… bem…

— Bastante chegados? — palpitou Deborah.

Jessie anuiu com a cabeça. Quando se mexeu para se equilibrar, esmagou mais açúcar debaixo dos pés. Tinha varrido muito mal.

— Estás igual — disse Toby. — Estás ótima. — Abanou a cabeça. — Ainda estou em estado de choque.

— Estranho — disse Savannah. — O pai sem palavras!

Toby virou-se para Deborah. — Lembras-te quando o agente imobiliário nos mostrou pela primeira vez pormenores desta casa? Tu perguntaste-lhe onde ficava Upper Sisley e eu disse que sabia, que já cá tinha vindo uma vez há muitos anos. — Toby esperou que Deborah acenasse afirmativamente com a cabeça e depois continuou: — Bem, foi com ela que eu vim cá. A Jess e eu estávamos a fazer umas férias de bicicleta…

— Férias de bicicleta! — Savannah revirou os olhos; era um facto claramente hilariante. — Pai, isso é tão *triste*!

— Eu era um estudante de teatro. Não tínhamos dinheiro. Tínhamos pedido uma tenda emprestada, — recordou Toby, — mas até isso estava cheio de buracos.

— Para não falar dos insetos — disse Jessie. Céus, o que estaria Deborah a pensar de tudo aquilo?

Tapando a boca com as mãos, Savannah balbuciou: — Não acredito, uma tenda…

— Podes troçar, — Toby sorriu largamente para a filha, — mas divertimo-nos bastante. Quando chegámos a Upper Sisley, estava a decorrer um jogo de críquete no relvado do largo da aldeia. Era uma tarde de verão escaldante. Deitámo-nos no relvado a ver o jogo. E quando os jogadores acabaram o chá, fomos convidados a servir-nos das sobras dos bolos e das sanduíches.

Savannah começou a tocar um violino imaginário. — Então o bom povo da aldeia salvou-vos de morrerem de fome na vossa tenda reles infestada de vespas. Isto é melhor que o Oliver Twist.

— Eu acho romântico — protestou Deborah.

— Na verdade, não foi — disse Jessie. — As sanduíches de atum tinham ficado demasiado tempo ao sol. Passámos a noite a correr para fora da tenda para vomitar.

— Mas isso não nos fez desistir de Upper Sisley — continuou Toby. — Recordo-me de ter dito à Jess na altura o quão fantástico seria viver num lugar como este. — Calou-se abruptamente e olhou para ela, e Jessie viu de novo aquele fugaz lampejo de culpa nos olhos azuis-escuros.

— E agora vives — disse ela.

Ele acenou afirmativamente com a cabeça, nitidamente desesperado por dizer mais, mas impossibilitado pela presença da família. — E tu também te mudaste para cá.

— Estou a morrer de fome — anunciou Savannah, descruzando as pernas e mexendo os dedos dos pés.

— Vai até ao clube de críquete, — disse Toby, — e vê se eles têm algumas sanduíches de sobra.

— Ah, ah! Mãe, que posso comer?

— Não me perguntes. — Deborah parecia alarmada. — Não faço ideia de onde estão as coisas.

Savannah agarrou-se à barriga lisa e fez um ar lastimável. — Estou a falar a sério, estou mesmo, mesmo cheia de fome!

— Há uma loja na aldeia — disse Jessie.

— O pub! — exclamou Toby. — Quando falei contigo ao telefone, tu disseste-me que estavas no pub. Não fazem lá comida?

Jessie entrou em pânico.

Capítulo 3

Hum… hum… a loja da aldeia faz uma comida ótima. Todo o tipo de comida. Também tem congelada. — Frenética, Jessie disse: — Que tal pizzas?

Deborah não estava nada entusiasmada. — Um pub parece-me muito melhor. De qualquer forma, estamos todos a precisar de fazer uma pausa. Pub, Savvy?

— Excelente! Não demoro nada, — Savannah desceu do caixote e saiu da cozinha, — só preciso de escovar o cabelo.

— Isso quer dizer que volta daqui a vinte minutos, — disse Toby com um ar de extremo sofrimento, — porque vai também encher a cara de maquilhagem.

— Os homens não compreendem. Venha, — Deborah sorriu para Jessie, — enquanto esperamos, pode ver o que precisa de ser feito.

As divisões que queriam que ela decorasse ficavam no piso superior. Dois quartos soalheiros virados a sul e uma casa de banho. Depois de tirar medidas e de esboçar uma planta de cada assoalhada no bloco de notas, Jessie disse: — Vou estar ocupada nos próximos quinze dias, mas podia começar na semana a seguir.

— Por mim está bem — disse Deborah. — Não está, querido?

Toby tinha estado ausente, fitando o horizonte pela janela despida do quarto. Virou-se para olhar para as duas. — Perdão?

— A Jess pode começar daqui a quinze dias.

— Oh. — Toby anuiu com a cabeça. — Ótimo.

Jessie perguntou-se em que pensamentos teria ele estado perdido e sentiu de novo aquela estranha sensação de aperto no estômago. Indagou-se se, quando lhe contasse o que tinha nitidamente de lhe contar, Toby continuaria a pensar que seria ótimo tê-la ali a trabalhar naquela casa.

Jessie fez os possíveis por se livrar de regressar ao Seven Bells com eles, mas Toby não a deixou.

— Não sejas tola. Claro que vens tomar um copo connosco — disse ele enquanto a arrastava pelo corredor. — Não vem, Sav?

O batom rosa-bebé de Savannah cintilava à luz do sol.

— Claro que sim. Pode contar-nos tudo sobre o pai e as coisas que ele fazia há oitenta anos, quando era novo.

Deixaram os homens das mudanças a fazer o seu trabalho e atravessaram o largo em direção ao Seven Bells. Dizzy acompanhou-os, arrastando os passos e pontapeando dentes-de-leão pelo caminho. Deborah, descontraidamente elegante num top de malha preto caicai e umas calças corsário brancas, seguia de braço dado com Savannah. Jessie, que seguia atrás delas com Toby ao lado, apercebeu-se de que ele estava a refrear o passo, numa tentativa de a fazer abrandar.

Por fim, ele murmurou: — Jess, eu tentei contactar-te.

Estavam a cem metros do pub e a menos de três metros da mulher e da filha dele. De todo a situação ideal. — Eu sei. Eu mudei-me.

— Os teus pais não quiseram dizer-me onde estavas. Eu estava fora de mim…

— Agora não — disse Jessie.

— Pois, eu sei. Mas temos de conversar.

— Temos muito tempo.

Toby olhou por cima do ombro para a Sisley House. — Viemos de Londres para cá no dia a seguir ao agente imobiliário nos ter dado os pormenores. Assim que vi esta casa, percebi que tínhamos de viver aqui. — Abanou a cabeça. — Será o destino?

— Não, é uma coincidência.

— Há quanto tempo mudaste para cá?

— Há quinze anos.

— E alguma vez…

— Chegámos — interrompeu Jessie antes de alcançarem Deborah e Savannah à entrada do pub.

— Vá, pai, tira a carteira. — Savannah empurrou a porta. — É a tua vez de pagar.

Lorna Blake, a proprietária, estava a servir ao balcão com Oliver. Havia cinco anos que Lorna geria o pub. Uma divorciada na casa dos quarenta, exigente e eficiente, com uma voz rouca, uma capacidade infinita para cigarros e um olhar azul forte penetrante, tinha, para Jessie, a aparência de um Al Capone na versão feminina. Moll Harper, a outra empregada de mesa a tempo inteiro, carregava tabuleiros de comida da cozinha, segurando-os bem alto enquanto circulava por entre as mesas apinhadas. O Seven Bells, com o seu ambiente pitoresco e críticas maravilhosas em todos os guias turísticos, atraía tanto turistas como moradores

locais. O pub estava agora muito mais movimentado do que tinha estado ao meio-dia.

Fez-se um breve e completo silêncio quando cabeças se voltaram e cérebros registaram quem tinha acabado de entrar. Era como entrar no OK Corral, pensou Jessie.

Mas, presumivelmente, os Gillespie estavam habituados a isso. Se repararam, não o demonstraram. Jessie apresentou-os a Lorna Blake, que, com toda a certeza, não se descontrolaria nem faria figuras tristes. A franca, prática e inveterada fumadora Lorna nunca se entusiasmava com nada.

— Prazer em conhecê-lo. — Ao apertar a mão a Toby, conseguiu fazer um sorriso ténue. — Bem-vindo à aldeia.

— E este é o Oliver, — prosseguiu Jessie apressadamente, — e ali está a Moll… Bem, estão todos cheios de fome, por isso vamos encomendar alguma coisa para comer, e porque não nos sentamos lá fora?

Oliver estava a olhar para ela de forma estranha. Profundamente ciente do facto, Jessie ignorou-o e agarrou numa mão-cheia de ementas.

Oliver debruçou-se sobre o balcão para atrair a atenção dela. — A propósito, a Lill teve de levar os miúdos para casa. — Com ênfase, acrescentou: — Ela disse que falava contigo mais tarde.

— Está bem. A tarte de peixe é boa — anunciou Jessie, sentindo-se ligeiramente desnorteada. — Ou o *fettucine* Alfredo, é o meu preferido…

— Dá para acreditar? — dizia Deborah a Lorna, mas a sua voz rouca e projetada podia ser ouvida por todos os que estavam no bar. — Mudámo-nos para uma casa no meio de nenhures e a primeira pessoa que encontramos, — virou-se e tocou ao de leve no braço de Jessie, — é uma das antigas paixões do meu marido.

Mais um momento de silêncio, de uma duração positivamente Hitchcockiana.

— Se não vos apetecer massa, podem sempre comer bife com batatas fritas — explodiu Jessie.

Oliver tinha estado a servir uma caneca de Stella. Sem vigilância, a espuma da cerveja tinha transbordado do copo. — Não me disseste que o conhecias — disse ele num tom acusador.

Savannah, que tinha subido para um dos bancos, sentou-se com os cotovelos sobre o balcão e o queixo apoiado numa mão. — Não entres em pânico, é uma história antiga. — Divertida, inclinou a cabeça para Oliver. — Mas porque é que estás tão incomodado? És o quê? Namorado dela?

Indignado, Oliver disse: — Não sejas ridícula. Sou o filho!

— Céus! A sério? — Deborah bateu palmas, encantada. — Um rapaz

tão corpulento como você! Quanto mede? Um metro e oitenta? Um metro e noventa?

— É uma e meia — disse Jessie, já perto do colapso. — Oh, céus, tenho mesmo, mesmo de ir… prometi aos Hartwell que tinha a cozinha concluída às cinco…

Ninguém ligou a mínima. Jessie viu, horrorizada, Savannah, agora consideravelmente animada, ajeitar o rabo no banco, cruzar os braços debaixo dos seios pequenos e centrar toda a atenção em Oliver.

— Então também vives na aldeia? Bem, isso é fantástico. Eu estava com medo que estivesse cheia de velhinhos raquíticos. — Aproximou-se mais e baixou a voz, demasiado tarde para evitar ofender todos os velhinhos raquíticos que estavam reunidos numa mesa próxima a jogar às cartas. — Então, como é que é? Isto aqui é uma seca, ou há sítios onde ir?

Oliver começou a descontrair. — Oh, há sítios onde ir. Só precisas de conhecer as pessoas certas. Um amigo meu da faculdade acabou de abrir uma discoteca nova em Harleston…

— Então andas na faculdade. — Os olhos de Savannah pintados a lilás iluminaram-se com interesse. — Onde?

— Exeter. Matemática.

— Em que ano?

— Acabei de fazer os exames finais.

Oliver sabia que estava com um sorriso de orelha a orelha. Não conseguia evitar; sempre que se lembrava que os exames tinham terminado, era o que acontecia.

Savannah sorriu em resposta.

Deborah acendeu um cigarro e ofereceu outro a Jessie. Jessie, que não fumava, interrogou-se se estaria na altura de começar.

— Os Hartwell esfolam-me viva se eu não voltar ao trabalho. Desculpem, tenho mesmo de ir…

— Matemática. Bolas! — Savannah fez uma careta. — Eu não era capaz. Mas deve dar muito jeito quando se trabalha num bar. — Ela parecia impressionada. — Então és mais velho do que eu pensava. Deves ter vinte e um… três anos mais velho do que eu…

— O que significa que tens dezoito. Vês? — disse Oliver com modéstia. — Sou um génio.

Savannah começou a dar risadinhas. Sentindo-se horrivelmente quente e suada, Jessie procurou atrapalhadamente as chaves do carro. Estas escorregaram-lhe da mão e caíram no chão de laje.

Toby baixou-se para as apanhar ao mesmo tempo que ela. As suas cabeças encontraram-se à altura da mesa. Jessie não conseguiu olhá-lo nos olhos.

— Tenho de ir, tenho mesmo.

— Jess…

A voz de Toby parecia estranha. Também não era de admirar, reconheceu Jessie. Trémula, arrancou as chaves da mão dele.

Mas desta vez ele obrigou-a a olhar para si.

— Oh, Jess, precisamos, decididamente, de conversar.

Capítulo 4

Visitar a sogra não era o passatempo favorito de Lili, mas como, no decorrer da última hora, William não tinha parado de entoar «Vó, Vó» como um fanático do futebol, ela decidiu que mais valia enfrentar a situação. Lili tinha pavor de Eleanor Ferguson, mas William adorava-a — o que só servia para provar que gostos não se discutiam.

Depois de meter um extasiado William e uma irascível Freya de novo no carrinho, Lili lembrou-se de passar um pente pelo cabelo e de borrifar um pouco de perfume antes de sair de casa. Se não o fizesse, Eleanor comentaria mordazmente: «Oh, olha bem para ti! Minha querida, lá porque o teu marido está fora, não é motivo para te desleixares…»

Mas os ânimos de Lili começaram a levantar quando ela se pôs a caminho com as crianças. Viver na mesma povoação que a sogra podia ser visto como mais um azar, mas pelo menos viviam em extremos opostos e o caminho desde o Antigo Vicariato na High Street até à pequena casa de campo de Eleanor no final da Water's Lane era pitoresco.

Está um dia glorioso, pensou Lili, contando determinadamente as suas bênçãos. *Acabei de passar uma montanha de roupa a ferro; a Jessie deve passar lá por casa mais logo para me contar tudo sobre os novos moradores da Sisley House — seria mesmo Toby Gillespie, ou teria sido uma brincadeira, como aquela da Madonna? E, melhor que tudo, o Michael não está cá, por isso esta noite posso assistir em paz ao* Sintonia de Amor.

Era mais uma falha na lista de compatibilidades dos dois. Quando se dava ao trabalho de assistir a alguma coisa, Michael privilegiava as reportagens jornalísticas e desaprovava veementemente o gosto frívolo de Lili quanto a programas televisivos. *Sintonia de Amor* não era, de todo, o seu género.

— Vó! Vó! — gritava William, cheio de entusiasmo e batendo com os calcanhares no apoio de pés do carrinho.

Lili não pôde deixar de sorrir. — Isso mesmo, vamos visitar a avó.

William soltou um grito de satisfação e apontou para o outro lado da rua.

— Toelho. Toelho!

— Pois é. — Lili manobrou o carrinho por forma a que Freya visse também. — Olha, querida, um coelho.

— Toelho, toelho, toelho! — guinchava William alegremente, o seu braço oscilante batendo por pouco em Freya. — Mamã, toe…

O carro, um antigo Granada vermelho-sangue que soltava fumo do escape, dobrou a esquina da Compass Lane pelo menos a sessenta a hora. Instintivamente, quase arrancando os braços do carrinho no processo, Lili atirou-o para a berma.

O carro tinha dois homens, e ela viu-os sorrir quando passaram. O coelho não teve qualquer hipótese. Um ruído de ossos a esmagarem-se foi seguido de um jubilante sinal de satisfação do condutor do carro.

Lili gritou. William gritou mais alto. Freya enfiou o polegar na boca e olhou arregaladamente para a nuvem de pó formada pelos pneus imundos do Granada.

— Patifes! — berrou Lili quando o carro se afastava por Water's Lane. Correu até ao animal, rezando para que estivesse morto.

— Toelho — disse William atrás dela.

Oh, céus, oh, céus, ainda estava vivo. O coelho tinha os olhos abertos. Estava na berma da estrada, imóvel com o choque. Escorria sangue através do pelo castanho-acinzentado e a caixa torácica movia-se aceleradamente para cima e para baixo.

— Patifes — sussurrou Lili, agachando-se sobre o corpo apavorado e trémulo e indagando-se o que havia de fazer. Não era capaz, não podia, deixá-lo ali para morrer.

— Patite — disse William quando ela atravessou a estrada de volta para ao pé do carrinho.

De mãos a tremer, Lili abriu o saco que estava cheio de parafernália para muda de fraldas. De boca seca, disse: — Eu sei.

Mais à frente na Compass Lane, na Keeper's Cottage, Drew acabou de lavar os dentes, cuspiu para dentro do lavatório — mesmo no alvo — e inspecionou sem entusiasmo a sua imagem refletida no espelho da casa de banho.

Se o seu sobrenome fosse Smith, a coisa não seria tão má. Ou E. Saunders, ou Webb, ou até Witherspoon. Mas não era. O seu nome era Andrew Darcy, e, passados trinta anos, ainda tinha a capacidade de o deprimir.

As pessoas prestes a conhecer o Sr. Darcy tinham certas expectativas. Em particular, as mulheres. E Drew, com o seu rebelde cabelo louro-escuro, um grande nariz torto, uma boca ampla e amigável e uns traços de um modo geral pouco vincados, sabia que devia ser uma grande deceção em carne e osso. Era uma desilusão. Ok, podia não ser completamente feio.

Mas normal, certamente. Suficientemente normal para precisar de se desenrascar com a personalidade no que dizia respeito ao sexo oposto.

Era esse o problema com as miúdas. Quando conheciam antecipadamente o seu nome, antecipavam muito mais. Por amor de Deus, ele tinha, supostamente, que se parecer com o sexy Colin Firth!

Era totalmente injusto — e tinha acontecido novamente no dia anterior, quando uma deslumbrante loura de vestido escarlate esvoaçante tinha levado o gato siamês ao consultório para fazer a vacinação. — Oh. — O bonito rosto tinha desmoronado quando vira Drew. — É *você* o Sr. Darcy?

As expectativas dela tinham sido cruelmente goradas, bem como as dele. Drew tinha desejado pela milionésima vez que o seu nome pudesse ser algo banal, como Lewis, ou até mesmo algo feio como Snark… Pelo menos, nesse caso, ele podia ser uma agradável surpresa em vez de ser uma desilusão.

Ele tê-lo-ia modificado legalmente se isso não fosse uma coisa tão amaricada. Além do mais, tal atitude iria realmente expor o nome. Nesse caso todos ficariam a saber o quanto o incomodava.

Drew, que tinha o seu orgulho, virou costas à imagem menos que satisfatória refletida no espelho e desceu as escadas a correr, três degraus de cada vez. Faltavam vinte minutos para as duas; tinha de se despachar se não queria chegar atrasado.

Tinha acabado de chegar à porta da frente quando alguém começou freneticamente a bater nela. Drew abriu e viu Lili Ferguson encostada à ombreira num estado deplorável.

— Oh, Drew, graças a Deus que estás em casa…

— Que foi? — Franziu a testa. Ela tinha um carrinho de bebé cheio de crianças e segurava um saco de supermercado nos braços. O cabelo, molhado com transpiração, estava colado às têmporas e a blusa húmida pegava-se aos seios.

Os olhos encheram-se de lágrimas quando ela abriu o saco e lhe mostrou o coelho. Ali estava ele, ainda imóvel e a sangrar profusamente, embrulhado numa das fraldas de William.

— É a perna dele.

— Pobrezinho — disse Drew. — Pelo aspeto, deve ter sido atropelado.

— Nós assistimos. Eles não pararam… — Lili mordeu o lábio. — Eles fizeram de propósito. Foi intencional.

— Pati-te — declarou William, acenando alegremente a Drew.

— Podes salvá-lo, não podes? — Lili sabia que estava a reagir exageradamente, estavam no campo, animais selvagens morriam a toda a hora, mas não conseguia evitar, não queria saber.

— Bem…

— Custa dinheiro, eu sei. Eu pago.

— Pati-te, pati-te — cantava William. Esticou um dos braços para fora do carrinho, agarrou numa mão-cheia de dentes-de-leão e arrancou-os do canteiro de pedra negligenciado ao lado do alpendre. Esfregando-os alegremente na cara de Freya, gritou: — Pati-te vó.

Oh, céus, pensou Lili, *era só o que me faltava!*

Drew olhou para o relógio. Um quarto para as duas. — Olha, vou agora para o consultório. Levo-o comigo e vejo o que posso fazer.

— O dinheiro não é problema — disse irrefletidamente Lili, mais contente do que nunca por Michael estar a milhares de quilómetros de distância no Dubai. Ele gostava tanto de coelhos como do *Sintonia de Amor.*

Lili estava na cozinha a cortar tomates e cogumelos para um molho bolonhesa quando Jessie bateu à porta das traseiras e entrou.

— Tens tido o telefone desligado a tarde toda. — Lili acenou-lhe acusadoramente com uma faca de vegetais. — E também ainda não foste a casa. Falei com o Oliver.

Jessie foi direita ao frigorífico, serviu dois copos enormes de vinho branco e pousou-os pesadamente na mesa da cozinha. Eram seis da tarde. Sentindo-se culpada por causa do telefone, voltou a ligá-lo.

— Tinha de terminar a cozinha dos Hartwell. E precisava de tempo para pensar.

— Não estou surpreendida. — Lili ergueu as sobrancelhas. — O Oliver contou-me tudo.

Jessie engoliu em seco. — Tudo?

— Acerca de ti e do Toby Gillespie, e o facto de vocês dois terem sido namorados de infância, — disse Lili, — coisa que, por algum motivo, nunca achaste importante mencionar nem ao teu filho nem à tua melhor amiga.

— Ah. — *Ufa!*

— Pois, exatamente. — Lili abandonou os cogumelos e cruzou os braços sobre o amplo peito. — Se eu estivesse no teu lugar, acho que também ia querer tempo para pensar.

Jessie atirou-se à bebida.

Franzindo o sobrolho, Lili continuou: — E porque é que me serviste, se a Freya ainda está cá? Sabes como são o Hugo e a Felicity.

Jessie esvaziou o seu copo. — Eu não te servi um, são os dois para mim.

— Credo!

— Onde estão os miúdos?

Lili espreitou para fora da porta da cozinha. Na sala de estar, Harriet, Lottie, William e Freya estavam estáticos no sofá como uma fiada de bonecas russas.

— Colados à TV.

Jessie puxou uma cadeira, deixou-se cair, tirou o lenço púrpura do cabelo e começou a entrelaçá-lo nos dedos como se fosse um colar de contas relaxante. O que era apropriado. — O Toby Gillespie é pai do Oliver.

— Oh! — As mãos de Lili voaram até à boca. Ela fitou Jessie de olhos arregalados, incapaz de falar.

— Pois, exatamente — imitou Jessie.

— Jess, estás a falar a sério?

Jessie examinou as pontas do cabelo, que estavam incrustadas de emulsão de girassol amarela. — Claro que estou a falar a sério! Não é propriamente uma coisa que se invente.

— Deus do Céu! — O molho bolonhesa já estava nesta altura completamente esquecido. Lili tornou a espreitar pela porta da cozinha, para se certificar de que não tinham sido escutadas, e depois sentou-se à mesa em frente de Jessie.

— Ele sabe?

— Quem?

— O Toby Gillespie.

— Até hoje? Não. — Jessie tentou morder uma das unhas, mas estavam todas salpicadas com tinta. — Embora eu ache que ele estava a juntar dois mais dois quando eu saí do pub.

— O Oliver sabe?

— Claro que não.

— Vais contar-lhe?

O sabor a tinta era repugnante. Jessie atou com força o lenço em volta do pulso esquerdo e viu a mão mudar de cor.

— Jess?

Agora os dedos estavam tão roxos como o lenço.

— Não sei, não sei. Acho que o Toby é que vai decidir isso. Raios, hoje já foi um choque suficientemente grande para mim! Só Deus sabe como será para ele.

Lili estava ainda boquiaberta de choque. Que coisa mais fascinante. Estendendo o braço para trás, abriu o frigorífico com um dedo hábil, inclinou a cadeira para trás e agarrou na garrafa de vinho.

— E porque é que nunca me disseste a verdade?

— A primeira regra da mentira — disse Jessie com um encolher de ombros apologético — é fazê-la simples. E manter sempre a mesma história. Disse-te o mesmo que disse ao Oliver.

Lili recapitulou na sua mente o que lhe tinha sido dito, e que era, basicamente, que depois de ter percebido que estava grávida, Jessie e o namorado da altura, Tony qualquer coisa, tinham tentado fazer as coisas funcionar

e fracassado redondamente. Tinham-se separado antes de Oliver nascer, e Tony tinha emigrado para a Austrália sem sequer ver o filho nem demonstrar a mínima preocupação por ele ou por Jessie. Era uma história entediante, uma história intencionalmente concebida — apercebia-se Lili naquele momento — para não suscitar interesse. Sempre que alguém tentava questionar Jessie sobre o pai de Oliver, ela até usava uma voz entediante para o descrever. Tony tinha cabelo louro, era alto e, no que dizia respeito à aparência e à inteligência, era uma pessoa normal. Isto tinha sido o máximo que ela estivera preparada para admitir. Não, nunca se tinham amado verdadeiramente, e viverem juntos, quanto mais casar, teria sido um desastre. Tony não era o tipo de homem que assentava.

E, não, ela não sentira particularmente a falta dele quando ele desaparecera da sua vida. Não era uma perda.

Quando Lili pousou os cotovelos na mesa, pronta para ouvir a verdadeira — e muito mais cativante — história, o telefone de Jessie começou a tocar.

— Então já voltaste a ligá-lo — comentou Toby Gillespie em tom lacónico quando ela atendeu.

— Desculpa, estava… ocupada.

— Acho que acobardada é a palavra que procuras.

— Toby, sei que temos de…

— Conversar. Sim. Às nove na tua casa?

— Hum, nove…

— Já falei com o Oliver. Ele trabalha esta noite, por isso não seremos interrompidos.

As mãos de Jessie estavam de novo completamente suadas. — Ele… hum, ele…?

— Às nove, Jess. Até logo.

Ela abriu a boca para vacilar mais um pouco, mas era demasiado tarde. Toby tinha desligado.

— Ok — disse Lili, com bastante esforço. — Acho que é melhor contares-me a verdade, toda a verdade e nada mais que a… merda!

Até Jessie teve de sorrir. Quando Lili se levantou para atender a porta, gritou-lhe: — É uma conspiração!

— Pior que isso, — silvou Lili em resposta, — são o Hugh e a Felicity.

A pacata Lili, que gostava da maioria das pessoas, esforçava-se por gostar de Hugh e Felicity Seymor, mas era difícil apegar-se a um casal tão perfeito que, por comparação, a faziam sentir-se como algo colado ao fundo de um balde de lixo.

Felicity era uma super-mulher de fato, com o seu carrapito geométrico, maquilhagem impecável e uma pasta Vuitton. Hugh, que tinha cabelo

castanho liso e um bronzeado que durava o ano inteiro, era do tipo que usa gabardina. Eram ambos altos, magros, bem-sucedidos nos negócios. Eram ricos, inteligentes, charmosos e completamente dedicados à única filha, Freya.

De vez em quando, Lili era acometida de uma vontade irresistível de os amarrar, de os arrastar até à vacaria de Paddy Birley e de os fazer rebolar num monte de excrementos de vaca.

— Olá, como está? Como é que ela se portou hoje? — gritou Felicity, como sempre, enquanto Hugh pegava na filha ao colo e lhe cobria o rosto de beijos.

— Ela portou-se lindamente — disse Lili, indagando-se com que rapidez conseguiria livrar-se deles. Hugh e Felicity adoravam saber de todos os detalhes do dia de Freya, até ao mais ínfimo detalhe. — Comeu bem, dormiu bem, não teve febre, ela e o William brincaram com os Lego…

— Sangue — anunciou William, esticando a cabeça quando ouviu o seu nome. — Toelho sem perna. — Revirou dramaticamente os olhos. — Muito sangue.

— Céus! — Felicity estava estarrecida. — Do que é que ele está a falar?

— Pati-te — disse William com orgulho.

— Parece que não fui eu a única a ter um dia cheio de emoção — comentou Jessie quando os Seymour saíram finalmente.

Lili parecia preocupada. — Eu queria telefonar ao Drew para saber como está o coelho.

— Liga-lhe agora.

Lili reconhecia até a mais ténue ponta de procrastinação quando a ouvia.

— Não posso — disse ela a Jessie, tornando a sentar-se e esvaziando a garrafa de vinho nos dois copos. — Estou demasiado ocupada a ouvir-te a contares-me absolutamente tudo o que há para saber sobre ti e o Toby Gillespie.

Capítulo 5

Conhecemo-nos numa festa em Londres. O Toby estava na RADA[1], eu ainda andava na escola em Cheltenham. Éramos tão felizes os dois. Foi espetacular, mesmo uma coisa de amor à primeira vista.

— Oh, meu Deus! — Lili estava tão entusiasmada que mordia os nós dos dedos. — Eu sabia que isto ia ser excitante.

— Não podia ter sido melhor. — Jessie mergulhou o dedo numa gota de vinho derramado e desenhou uma espiral molhada na mesa da cozinha. — Víamo-nos todos os finais de semana. Nenhum de nós tinha um tostão, é claro, mas isso não interessava. Fazíamos aquelas coisas todas pobrezinhas mas felizes que os estudantes fazem, e fizemos um milhão de planos para o futuro. Mas uma das coisas que fizemos saiu-nos pela culatra, — acrescentou com um ténue sorriso, — e um bebé não encaixava em nenhum desses planos. Eu tinha dezassete anos, estava a meio dos meus exames finais. O Toby tinha vinte e era um estudante de teatro. O mesmo tinha acontecido a um dos rapazes que andava no mesmo ano que ele. Casou com a namorada, desistiu da RADA e arranjou trabalho num matadouro.

Os olhos de Jessie estavam com uma expressão estranha. Lili calculou o que se seguiria e não conseguiu suportar.

— Não lhe contaste — disse ela com a voz entrecortada. — Nem sequer lhe disseste que estavas grávida!

— Oh, disse, sim. Eu contei-lhe. Ele disse que se casava comigo. Mas eu sabia que não era o que ele queria. — Já incontrolavelmente agitada, Jessie fez rodopiar o vinho no copo, criando um minirredemoinho. — A representação era a vida de Toby. Ele ia ser o próximo Al Pacino. Eu não estava a vê-lo a trabalhar num matadouro.

— E…?

— Todos pareciam achar que a melhor coisa a fazer era um aborto. Até os meus pais — disse Jessie secamente. — Um estudante de teatro sem um

[1] RADA - *Royal Academy of Dramatic Art*. Academia muito conceituada londrina de arte dramática (teatro). (N. da T.)

tostão no bolso não era a ideia deles de um genro ideal. Por isso concordámos que seria esse o caminho. Estava tudo combinado. — Jessie respirou fundo. — Só que, no último minuto, não consegui ir em frente.

— Céus! E o Toby, terminou tudo contigo? O patife! — Lili estava cheia de indignação.

— És capaz de parar de tirar conclusões precipitadas? — pediu Jessie. — Ele não sabia que eu não tinha conseguido ir avante com o aborto. Eu decidi que não seria justo para com ele. Vendera praticamente tudo o que tinha para arranjar dinheiro para a operação. Depois disso tudo, como podia eu dizer-lhe que tinha mudado de ideias?

— Mas era o filho dele!

— Eu sei, mas ele não o queria realmente.

— O que disseram os teus pais?

Jessie fez uma careta. — Passaram-se. Eu era uma grande vergonha para eles; mal conseguiam olhar para mim. Por isso fui para a Escócia para casa da minha tia Morag, que morava em Glasgow. Escrevi ao Toby e disse-lhe que estava tudo acabado entre nós. Disse-lhe que tinha feito o aborto e que não queria voltar a vê-lo. Quando ele apareceu à porta de casa dos meus pais, eles disseram-lhe o mesmo. — Encolheu os ombros. — Ele não parava de lhes telefonar, mas eles não iam dizer-lhe onde eu estava. Então, seis meses depois, eles mudaram-se para Oxford e a coisa ficou por aí. O Toby não conseguiu mais entrar em contacto com eles. Eles tinham desaparecido.

— Oh, Jess. E agora ele encontrou-te. — Lili mal conseguia respirar. — O que vai ele dizer?

Jessie levantou-se, enfiou o lenço púrpura no bolso traseiro das calças de ganga e pegou nas chaves que estavam em cima da mesa. — Não faço a mínima ideia. Mas gostava de tomar um banho antes de descobrir.

Lili deu um salto quando a campainha da porta tocou às dez para as oito. Desesperadamente nervosa por causa de Jessie, não tinha conseguido concentrar-se em mais nada. «Mãe, estás a saltar folhas», queixara-se uma Lottie aflita durante o *Carteiro Paulo e o Ladrão Misterioso*. «Não há nada a fazer. Vais ter de começar do início.»

Tendo finalmente conseguido deitar William e Lottie, de cinco anos, Lili tinha seguido o exemplo de Jessie e mergulhado num banho quente, mexendo os dedos dos pés ao ritmo da música que saía aos berros do quarto de Harriet (porque, segundo Harriet, não era possível apreciar-se verdadeiramente as Spice Girls se estas não fizessem cair estuque das paredes).

A campainha da porta tocou no exato momento em que Lili bebia o

primeiro gole cauteloso de chocolate quente acabado de fazer. Ela gemeu quando este se entornou por cima do roupão de turco branco, e depois soltou um grito quando o líquido escaldante lhe chegou à pele.

— Oh… aiii… Oh… olá!… Oh…

À porta, Drew Darcy sorriu abertamente. — Isto é excitante. Pareces uma daquelas chamadas de sexo por telefone: ligue 0898 ou coisa do estilo e fale com a Lasciva Lucy. Não que alguma vez eu tenha ligado — acrescentou ele apressadamente.

— É chocolate quente — disse Lili com dificuldade. — Queimei o meu… peito. — Espreitou rapidamente para debaixo das lapelas e viu manchas começarem a formar-se. — Ai, ainda dói!

Drew conduziu-a até à cozinha, molhou um pano de louça em água fria, espremeu-o e entregou-o a Lili.

— Encosta isto ao teu… à zona afetada. Vá, mesmo por dentro do robe. Eu não olho.

Céus, que sensação peculiar, pensou Lili. Água fria como gelo escorria-lhe pelos seios, deslizava pela barriga e fazia uma poça no chão, enquanto o resto do seu corpo estava quente e seco.

— Está a formar alguma bolha? — perguntou Drew.

Lili espreitou outra vez, abanou a cabeça e levantou a ponta do pano para o tranquilizar. Afinal, Drew era veterinário, algo muito semelhante a médico. E, de qualquer forma, que estava ela a mostrar-lhe? Apenas um pouco de decote.

— Vais sobreviver. — O sorriso alargou-se, revelando muitos dentes brancos, muitos deles arranjados devido à violência no campo de râguebi. — Desculpa, não foi obviamente a melhor altura para aparecer.

— Como está o coelho? — Lili ainda estava a pingar e indagou-se se pareceria tão incontinente como se sentia.

Drew parou de sorrir.

— Lamento. Morreu.

— Oh, não. Operaste-o?

— Ele morreu no carro, a caminho do consultório — disse Drew com delicadeza. — Fechou simplesmente os olhos e partiu. Devia ter uma hemorragia interna. Lamento imenso, Lili.

Lili secou os olhos à manga do robe, sentindo-se um pouco idiota. Era permitido chorar-se quando morria um animal de estimação, mas este tratava-se apenas de um coelho bravo, um completo estranho…

— Toma. — Drew entregou-lhe um lenço e deu-lhe umas palmadinhas na mão.

Ela esperava que ele não a achasse maluca, um caso sem remédio.

— Isto é embaraçoso.

— Claro que não é. Estás transtornada porque um idiota atropelou aquele coelho à tua frente só por diversão.

Pois estou, pensou Lili, assoando-se ao lenço dele e maravilhando-se com o quão limpo e cheiroso estava. Drew devia ter um stock especial para donos de animais de estimação choramingas. Céus, ele era muito amável!

— Só não compreendo como é que alguém pode fazer uma coisa destas. Quando eu conduzo, desvio-me para evitar os animais. — Lili abanou a cabeça e estremeceu ao recordar o momento aterrador no ano anterior quando, por pouco, conseguira desviar-se de uma cria de raposa. — Que tipo de pessoa vê algo na estrada e lhe faz pontaria?

Drew acenou concordantemente com a cabeça. — Não são pessoas, são monstros. Digo-te uma coisa, a maior parte dos casos que vejo faz-me desejar reduzir a polpa quem cometeu tamanha atrocidade. Vejo animais a morrer de fome, espancados, negligenciados… — O olhar endureceu enquanto ele falava. — Como esta manhã, quando nos trouxeram um cachorrinho. Os donos tinham-se esgueirado durante a noite. Quando o senhorio chegou à casa, esta estava imunda e eles tinham deixado o cão trancado num quarto sem comida. Mais uns dias e ele tinha morrido. Lamento — disse Drew quando ergueu os olhos e viu as lágrimas rolando livremente pelas faces de Lili. — Não estou a ser grande ajuda, pois não? Devia estar a animar-te.

— O que vai acontecer-lhe?

— Vai para um abrigo de cães. Tem apenas quatro ou cinco meses, é ainda um cachorrinho. E não é propriamente uma beleza — acrescentou Drew com um sorriso fugaz. — Não é exatamente o Brad Pitt do mundo canídeo, mas é amoroso. Tenho a certeza de que alguém ficará com ele.

— E se não ficar, vão abatê-lo — disse Lili, sentindo-se mal. — De que raça é ele?

— De que raça *não* é ele! — respondeu Drew. — É impossível ser mais rafeiro que aquilo. Terrier, galgo, collie, talvez uma pontinha de spaniel algures…

— Eu fico com ele — disse Lili abruptamente.

— Ainda não o viste.

— Não importa. Quero-o. — Lili ficou maravilhada com a certeza na sua voz.

Drew, que estava a ser mais cauteloso, disse: — Lili, isto não é o mesmo que encomendar pizza por telefone. Estás transtornada por causa da morte do coelho. Eu acabei de te fazer chorar. Duas vezes. Tu estás num estado que nós, os médicos profissionais, costumamos chamar de estado de

choque. — Ele sorriu outra vez, para mostrar que compreendia. — Estás à vontade para ir amanhã até ao consultório conhecê-lo, mas não faças promessas precipitadas esta noite.

Lili, que nesta altura já tinha parado de chorar, sabia que não ia mudar de ideias. Queria aquele cão mais do que qualquer outra coisa e, assim que ele recuperasse, ia buscá-lo.

*E nem sequer vou pensar no que dirá o Michae*l, pensou Lili com extrema firmeza.

Isto devia-se principalmente ao facto de ela saber o que ele iria dizer. Michael tinha tanto tempo para cães como tinha para coelhos bravos.

Capítulo 6

Depois de ter tomado banho e lavado o cabelo, Jessie estava num processo complicado de decidir o que vestir. Demasiado empenho e Toby poderia pensar que ela estava a tentar impressioná-lo. Por outro lado, se se aplicasse de menos, ele poderia pensar que ela estava a fazer questão de lhe mostrar que não o queria impressionar.

Ou algo do estilo.

Acabou por se decidir por um vestido leve de algodão preto, sem mangas, por altura do tornozelo e de alguma forma a fazer lembrar uma tenda, mas confortável de usar. Por um lado, era um vestido, por isso ela não parecia estar a desleixar-se; por outro, não era o que poderia chamar-se de elegante.

Ficou de pés descalços, mas prendeu o cabelo com uma fita amarela. Colocou rímel, mas não batom, desodorizante, mas não perfume, cuecas, mas não sutiã, e Bruce Springsteen, mas não Brian Ferry.

Oh, Deus, decididamente nada de Brian Ferry!

Que grande confusão, pensou Jessie. *E que inutilidade! Porque é que estou tão preocupada com a minha aparência quando ele já me viu coberta de tinta, com umas botas e as minhas piores calças de ganga?*

— Não é muito justo, pois não? — disse Jessie quando abriu a porta de casa vinte minutos mais tarde. — Quero dizer, aqui estou eu a parecer vinte anos mais velha do que na última vez que me viste, mas tu estás sempre nos jornais ou na televisão, por isso não existe trauma, não existe nenhum hiato de vinte anos para ultrapassar…

— Vinte e um — corrigiu Toby, os olhos azuis-escuros completamente serenos. — Vinte e um anos e meio, na verdade.

— Ok, está bem. Eu estou só a dizer que deve ser mais…

— Jess, para de dizer baboseiras. — Toby entrou e fechou a porta atrás de si. — Não achas que temos coisas mais importantes para conversar?

O plano de Jessie de permanecer distante, calma e relaxada não parecia estar a correr lá muito bem. Ela estava a constatar que as coisas tinham

sido muito melhores quando a família de Toby tinha estado em seu redor, servindo de guarda-costas involuntário.

— Desculpa. Tens razão. Bem, podes disparar…

— E disparar é a palavra-chave, já que passei o dia todo dividido entre o desejo de te matar e o de te beijar descontroladamente. Raios, Jessie! — Toby desviou o cabelo louro-escuro dos olhos exatamente como ela se lembrava de o ter visto fazer tantos anos antes. — Eu sabia que mudar de casa era supostamente uma experiência stressante, mas não estava à espera disto.

— Bem, — disse Jessie, — nem eu.

Tinha tudo sido *realmente* um pouco repentino.

— O Oliver é meu filho — disse Toby.

— Claro que é.

— Estive hoje cara a cara com ele. Sem aviso, nada.

— Não tive tempo de te dizer, pois não? — protestou Jessie.

Agora Toby parecia mesmo ser capaz de a estrangular. Ela viu-o apertar com força as costas do sofá.

Finalmente, ele disse em voz baixa: — Jess, tiveste vinte e um anos para me dizer.

Sobre a lareira estava uma fotografia emoldurada de Oliver a rir-se, na altura com cinco anos de idade e desdentado. Envergonhava-o tremendamente, mas Jessie adorava-a. Olhou para ela naquele momento. — Não o querias — disse ela a Toby. — Não querias ficar preso. Um bebé não fazia parte dos planos, pois não?

— Mas, Jess…

— Não tinhas dinheiro e faltava-te fazer um ano na escola de teatro. Disseste que um aborto era a melhor coisa a fazer e deste-me o dinheiro para o fazer. Quando chegou a hora… — disse Jessie lentamente, — eu não fui capaz.

— Devias ter-me dito — disse Toby. — Não devias ter simplesmente desaparecido.

— Só que isso teria sido visto como chantagem emocional, não teria? — Havia sofrimento e orgulho nos olhos castanhos-escuros de Jessie. — Terias ficado comigo, mas guardado mágoa, e mais cedo ou mais tarde terias acabado por me odiar por te ter obrigado a meter-te numa situação sem necessidade. — Encolheu os ombros e olhou de novo para a fotografia. — Achei apenas que seria melhor ir-me embora e ter o bebé sozinha.

— Credo, os teus pais deviam mesmo odiar-me. Não me disseram nada — disse Toby. Enfiou as mãos nos bolsos das calças de ganga. — Então, para onde foste?

— Para a Escócia. Para casa da minha tia Morag. E depois de o Oli-

ver nascer, consegui um apartamento em habitação social. Não era grande coisa, mas conseguimos arranjar-nos. — Jessie não desenvolveu. O apartamento, no décimo sétimo andar de um edifício alto em Glasgow, era bafiento e estava a cair aos bocados, as paredes eram tão finas que se podia ouvir o clique das agulhas quando seringas cheias de heroína eram injetadas nas veias dos viciados da porta ao lado.

— Nunca te passou pela cabeça contactar-me? — disse Toby com cuidado.

— Claro que sim. Pensei nisso centenas de vezes. Mas quando o Oliver era pequenino, tu não passavas de mais um ator batalhador. Depois conseguiste o papel no *Fast and Loose* e tornaste-te uma estrela praticamente de um dia para o outro. — Jessie ergueu as sobrancelhas. — E que ideia eu teria dado se te tivesse contactado nessa altura? Teria parecido uma fã louca, saída do nada, apenas interessada em ti porque te tinhas tornado famoso.

Toby ainda estava agarrado às costas do sofá como se disso dependesse a sua vida. — Eu estava desesperado por voltar a encontrar-te — disse a Jessie. — Não fazes ideia. Se me tivesses contactado, eu teria ficado tão… feliz…

— Pois é. — Ela encolheu irreverentemente os ombros. — Eu estive tentada, posso garantir-te. Quando se tem dezoito anos e se é mãe solteira, temos os nossos momentos baixos.

— Quem me dera que me tivesses contactado.

Jessie sorriu interiormente, decidindo que já agora mais valia ele saber de tudo.

— Na verdade, eu cheguei a escrever-te uma vez. Dirigi a carta à estação de televisão que fazia o *Fast and Loose*. Não podia falar-te do Oliver, é óbvio, não numa carta que ia ser aberta e lida por um completo estranho, mas pedi-te para entrares em contacto comigo e dei-te a minha morada em Glasgow.

Toby estava a olhá-la fixamente, com uma expressão de horror, e abanava já a cabeça.

— Mas eu não…

— Eu sei que não a viste. A carta estava na minha mala à espera de ser posta no correio, — a voz de Jessie falhou quando ela recordou aquele momento tão longínquo, — quando ouvi na rádio que tinhas acabado de te casar.

— Oh, meu Deus — suspirou Toby.

— E lá estava, no dia seguinte, em todos os jornais: o teu casamento secreto de conto de fadas com a deslumbrante atriz Deborah Lane. — Jessie constatou que provavelmente seria ainda capaz de recitar, palavra por palavra, os artigos. — Vi as fotografias e li como a tinhas visto na televisão,

te tinhas apaixonado à primeira vista e a tinhas perseguido… Foste citado como tendo dito que eras o homem mais feliz do mundo com a mulher mais linda do mundo e que mal podias esperar por construíres uma família com ela.

Jessie parou. Toby estava a fitá-la com uma expressão muito estranha no rosto.

— Bem, foi mais ou menos isto — acrescentou Jessie quando ele continuou sem falar. Para compensar, ela deu por si a começar a balbuciar de novo. — Senti-me um bocado idiota, podes ter a certeza. E é claro que não enviei a carta. De facto, rasguei-a em milhões de pedacinhos e atirei-a pela janela da cozinha como se fossem confetes.

Toby estava a mover-se na sua direção.

— Muito melodramático para mim, eu sei…

— Jess, cala-te.

— Oh, Toby, por favor não faças isso, não deves mesmo. — Vacilante, ela recuou.

— Oh, Jess — imitou ele suavemente. — Devo, devo mesmo.

Baixou a cabeça e beijou-a, primeiro com delicadeza, depois com vigor, e o mais extraordinário, constatou Jessie enquanto se agarrava a ele, era que o beijo dele não tinha mudado de todo. Era tal e qual ela se lembrava, tão único como uma impressão digital. E igualmente milagroso.

— Espera — murmurou ela com voz trémula, conseguindo finalmente afastar-se. — Isto está errado. Errado, errado.

— Como pode estar? — As mãos quentes de Toby seguravam-lhe as faces. — Devíamos ter ficado juntos.

Talvez. *E agora, vendo em retrospetiva, podíamos ter ficado*, pensou Jessie com tristeza. Claro que o inconveniente na altura fora terem sido demasiado práticos, demasiado realistas. Não ocorrera a nenhum dos dois que apenas alguns meses após o término do curso na RADA, Toby conseguiria o papel principal na que acabaria por se tornar uma das mais populares e altamente bem-sucedidas séries televisivas de todos os tempos.

A probabilidade de tal acontecer… Bem, refletiu Jessie, era mais provável a Ladbrokes apostar que o monstro do Loch Ness ia sair da água com um Yeti pendurado numa barbatana e um bilhete premiado da lotaria na outra.

Esforçando-se por parecer que o beijo não a tinha deixado de quatro, Jessie empoleirou-se no braço do sofá. — Agora tens a Deborah — disse a Toby. — E um dos casamentos mais felizes do mundo do espetáculo.

Era verdade. Todos sabiam disso. Quando qualquer revista fazia um artigo sobre casamentos duradouros entre celebridades, os Gillespie eram sempre mencionados, lado a lado com os Newman, os Connery e os Gaine.

— E tu? — Os dedos de Toby ainda lhe acariciavam desconcertantemente o rosto. — Quem tens tu?

— O Oliver, — respondeu simplesmente Jessie, — meu filho.

— Nunca te casaste?

— Não olhes assim para mim! — Horrorizada, pareceu-lhe ver pena nos olhos dele. — Não passei os últimos vinte anos no celibato! Tive os meus momentos, posso garantir-te.

— Mas não encontraste o homem certo.

— Por vezes, — respondeu Jessie com humor, — consegue-se maior diversão com o homem errado.

De qualquer forma, era aquela a sua desculpa e ia agarrar-se a ela.

Para seu alívio, Toby deixou o assunto. — Temos tanta coisa para pôr em dia. Ainda não sei como vieste de Glasgow para aqui.

— Os meus pais morreram há quinze anos — disse Jessie com descontração. — Quando saíram de Cheltenham, compraram um chalé em Oxford.

— Num fim de semana apanhei boleia de Londres até lá, — interrompeu Toby, — e eles tinham simplesmente desaparecido… — A sua expressão alterou-se. — Como é que morreram?

Jessie permaneceu calma. Na verdade, a atitude de extrema preocupação dos pais em relação ao que a vizinhança pudesse pensar e a completa falta de interesse no neto tinham reduzido a relação entre eles a um cartão de Natal por ano. Jessie não se arrependia. Eles tinham sentido vergonha por ela ser mãe solteira, e ela tinha sentido vergonha deles por descarregarem em cima de Oliver.

— Houve uma enorme explosão de gás. O chalé ficou destruído. Eles morreram de imediato.

— Oh, Jess, lamento.

— Mas eles tinham seguro contra todos os riscos, — prosseguiu ela, — e com o dinheiro eu pude comprar esta casa. Lembrei-me de Upper Sisley e vim até cá dar uma vista de olhos à aldeia. Depois de um prédio enorme em Glasgow, Duck Cottage era como um palácio. Assim que a vi, percebi que queria viver aqui.

Toby anuiu com a cabeça. Ele também sentira o mesmo.

— E tenho sido feliz aqui. — Jessie olhou para ele. — Aí tens. A minha atualização está concluída e eu ainda nem sequer te ofereci uma bebida. Vinho tinto, ou chá?

Sentaram-se no jardim das traseiras e viram o Sol deslizar por detrás das árvores enquanto bebiam o vinho.

— Agora é a tua vez — disse Jessie. Pôs os pés em cima do banco e alisou as pregas de algodão preto do vestido sobre os tornozelos até só as

unhas dos pés pintadas de vermelho serem visíveis. — Já conheceste o Oliver. O que achaste dele?

— Tendo em conta que na altura eu estava em estado de choque, parece-me que fizeste um ótimo trabalho. — Toby abanou a cabeça. — Não consigo acreditar no quanto perdi. Quanto ao Oliver… foi difícil para ele crescer sem um pai?

— Provavelmente. — A voz de Jessie era serena. Era muito mais fácil respirar agora que Toby estava sentado à sua frente com uma mesa de madeira entre os dois. — Mas ele nunca me acusou de lhe estragar a vida.

— Não, claro que tu…

— A questão é: o que é que se segue? — Jessie girou a haste dos óculos entre os dedos. — Mantemos isto entre nós, ou contamos-lhe?

Toby franziu o sobrolho. Não lhe tinha ocorrido que tinham escolha. — O que achas? O que seria melhor para ti?

— Vai afetar-te mais a ti do que a mim — disse Jessie. — Há que ter a Deborah em consideração. E os teus filhos. Pode não ser bom para a tua carreira…

— Que se lixe a minha carreira! — retorquiu Toby, parecendo quase zangado. Jessie indagou-se se ele acharia que ela estava a fazer-se.

— Ok, mas como irá a Deborah reagir?

— Não faço ideia.

Profundamente curiosa, Jessie não resistiu a perguntar: — Disseste-lhe que vinhas ter comigo esta noite?

Toby anuiu com a cabeça e serviu-se de mais vinho.

— Ela não se importou?

Ele abanou a cabeça.

— Oh.

De certa forma, era uma boa notícia, pensou Jessie. Ciúmes eram uma coisa aborrecida e extremamente sobrevalorizada enquanto ocupação, e o que se conseguia com isso? Ela estava contente por Deborah — que parecia tão simpática — não alinhar nesse tipo de coisa.

Por outro lado, não era lá muito lisonjeiro ser-se desprezada com tamanha falta de preocupação. *Afinal, o Toby gostou de mim em tempos*, pensou Jessie com alguma indignação. Seria agradável ser considerada uma hipotética ameaça.

— Quero que o Oliver saiba que sou seu pai. — Toby acenou com a cabeça, para mostrar que já tinha tomado a sua decisão.

— Muito bem. Primeiro dizes à tua família — disse Jessie — e depois eu digo ao Oliver.

— Odeias-me? — perguntou Toby.

— Não.

— Preferias que eu não tivesse comprado a Sisley House?

— Ainda não sei. — Jessie sorriu ligeiramente. — Vamos ter de esperar para ver como termina tudo isto.

Havia tantas coisas para dizer, que era difícil saber por onde começar. Ela enfiou o pé direito debaixo da bainha do vestido, subitamente ciente do quão estalado estava o verniz vermelho das unhas. Toby podia estar a usar apenas um polo amarelo e umas Levi's, mas o relógio discretamente fino no pulso era um Cartier e os sapatos eram feitos à mão. Em comparação, ela não podia deixar de se sentir um pouco… bem, um pouco Oxfam.

— Eu nunca deixei de pensar em ti. — O tom dele era baixo. — Partiste-me o coração quando desapareceste.

— Pelo menos, durante uma semana — ripostou Jessie, alarme mesclando-se com desejo ao ver a expressão nos olhos dele.

— Mais do que isso. — Toby abanou a cabeça e levantou-se, oscilando a garrafa de vinho vazia entre os dedos. — Há mais de onde este veio?

— Não — mentiu Jessie. — Olha, porque não vais agora para casa e lhes contas?

— Estás a expulsar-me? — Toby riu-se. — O que aconteceu? Perdi alguma coisa que me tenhas dito?

O coração dela já estava a bater descontroladamente debaixo do algodão. — Preferia que te fosses embora, só isso. Estou cansada, — disse ela, — foi um dia complicado.

Mas Toby, ainda com aquele sorriso charmoso tão familiar, estava novamente a aproximar-se dela.

— Tu não estás cansada. — Tocou-lhe ao de leve no ombro. — Estás a tremer.

— Não. — Jessie tentou recuar rapidamente sobre o banco de madeira, uma forma mais que certa de ficar com lascas. — Por favor, Toby, para com isso. Não quero que me beijes outra vez. Nunca mais — acrescentou ela com toda a firmeza que conseguiu reunir.

— Isso também não é verdade.

Isso, obviamente, *era* verdade.

— Está bem, está bem! Não deves beijar-me outra vez. Para começar, não é justo para com a Deborah.

Nem para comigo, pensou Jessie.

— Muitas coisas não são justas. Todos estes anos — disse Toby — me culpei pelo que tinha acontecido. Tinha-te obrigado a fazer um aborto, e como resultado, tu não suportavas mais olhar para mim. Por isso desapareceste, e eu perdi-te. — Pousou a garrafa vazia na mesa e pegou nas mãos de Jessie, levantando-a. — Agora encontrei-te, encontrei-vos aos dois, e não consigo expressar o que sinto.

— Não me beijes — guinchou Jessie.

— Ok, relaxa. — Ele estava a sorrir. — Podes levar-me até à porta. Apertaremos educadamente as mãos ao portão do jardim… os vizinhos ficarão satisfeitos com isso?

E foi o que ele fez, de modo solene, tipo gerente de banco.

— Não vejo ninguém a olhar.

— Não serias capaz. — Jessie olhou de relance para o outro lado do jardim. — Eles não são amadores, sabes? Estamos a falar de táticas à SAS[2].

— Até amanhã.

— Ok. Boa sorte.

Antes que ela pudesse impedi-lo, Toby já tinha afastado um caracol desgarrado da bochecha húmida dela, prendendo-o atrás da orelha. — Bela como sempre. — Ele parecia quase triste. — Oh, Jess.

Oh, céus! Eu quero que tu me beijes! Beija-me, beija-me!, quase gritou Jessie. Mas foi apenas um deslize temporário. Jessie conseguiu controlar-se.

Afinal, estavam em Upper Sisley.

Por detrás daquelas imóveis cortinas de malha, escondia-se uma experiente equipa de vigilância. Os binóculos estavam a postos.

[2] SAS - *Special Air Service*. Força especial do exército britânico. (N. da T.)

Capítulo 7

Lili não teve de esperar muito tempo para descobrir porque Felicity Seymour ficou no carro na manhã seguinte.

Ao chegar com Freya ao colo, Hugh disse: — A Felicity ficou um bocadinho preocupada. Pediu-me para mencionar a garrafa de vinho de ontem.

— Oh, isso foi a Jessie, não fui eu — disse Lili alegremente. — Ela estava um bocadinho transtornada.

— Havia dois copos. — Hugh sorriu com o seu charmoso e apologético sorriso para mostrar que não ia ainda dispensar os serviços dela. — Tenho a certeza de que acha que estamos a fazer um bicho-de-sete-cabeças por nada…

— Eram ambos da Jessie! — Lili começou a sentir-se um bocadinho mal… até aos seus ouvidos aquilo soou pouco convincente. Tentou novamente: — A sério, nunca bebo enquanto trabalho.

Interrogou-se se Hugh e Felicity estariam a planear denunciá-la à assistência social, onde estava registada, e as suas faces coraram. Ali estava ela, inocente e praticamente acusada de estar a tomar conta de um bebé embriagada.

Então as suas faces ficaram ainda mais encarnadas quando ela se lembrou que tinha agarrado num dos copos e tomado um grande gole de vinho. Oh, céus, ela tinha realmente bebido, e nem sequer se estava a lembrar desse facto, um sinal seguro de alcoolismo se é que havia um…

— Bem, eu só disse que ia mencionar o assunto. — Hugh olhou para o relógio caro que tinha no pulso. — Estou certo de que não tornará a acontecer. Ambos sabemos o quão feliz a Freya fica quando vem para aqui.

Ainda por cima não há mais nenhuma baby-sitter registada na aldeia, pensou Lili. Ela viu o modo como o cabelo castanho lustroso de Hugh caiu para a frente quando ele se dobrou para dar um beijo de despedida na filha e depois voltou de novo ao sítio, sem esforço, quando ele voltou a endireitar-se. Lili indagou-se invejosamente como seria ter um cabelo do qual se fazia o que se queria. Como seria ser perfeito e ter um cabelo perfeito.

…

Lili estava ajoelhada a encher a máquina da roupa quando ouviu uns passos terrivelmente familiares no caminho de acesso à sua casa.

Oh, Deus, que injusto, pensou ela freneticamente. *Porque é que ela não pode telefonar primeiro?*

Mas não havia para onde fugir, onde esconder-se — nem mesmo dentro da máquina de lavar roupa. Seguiu-se um tinido de vidro, uma batida seca na porta e a cara de Eleanor Ferguson — assustadoramente distorcida — surgiu pressionada contra o vidro martelado.

Quando Lili abriu a porta, deparou-se com a sogra segurando quatro garrafas de leite ligeiramente baças.

— Bom-dia, Lili, vou dar uma lavadela nisto, está bem? Não queremos que as pessoas que passam pela casa pensem que não sabes lavar uma garrafa de leite.

Lili tinha aguentado dezasseis anos daquilo. Já estava bastante habituada. Em vez de sentir como se uma bomba-relógio estivesse prestes a explodir-lhe no peito e desatar a chorar de frustração, ela apreciava os comentários totalmente insensíveis de Eleanor e colecionava-os como se de selos se tratassem, memorizando-os e transmitindo-os posteriormente a Jessie, altura em que se riam ambas às gargalhadas e atribuíam a cada novo insulto uma pontuação de um a dez.

— Esteja à vontade — disse Lili com um sorriso radioso, porque aquele era provavelmente um sete e meio. Pegou no cesto cheio de roupa lavada. — Tenho de ir meter isto na máquina de secar.

— Máquina de secar! — Eleanor parecia tão horrorizada como se Lili tivesse sugerido o ralador. — Não sejas ridícula, Lili. Está um dia lindo de sol lá fora, essa roupa vai secar num instante.

— Eu sei que sim, — respondeu Lili pacientemente, — mas fica cheia de vincos e a precisar de ser passada a ferro. Assim, não fica.

— Oh, Lili. — O tom de Eleanor dizia tudo. Pegou-lhe na mão. — Essas máquinas custam uma fortuna em eletricidade.

— Pois, mas poupo eletricidade se não tiver de passar a ferro…

— Vá, dá cá isso. — Eleanor tirou-lhe o cesto da roupa das mãos. — Levo-a para casa, penduro-a toda na corda, passo-a a ferro quando estiver seca e trago-a ainda esta tarde.

E, já agora, aproveita para dizer a toda a gente com quem se cruzar na rua até toda a aldeia saber, pensou Lili. Porém, as pessoas estavam tão habituadas a Eleanor como ela. E roupa convenientemente engomada seria bom para variar.

— Está bem… se tem a certeza. — Enquanto falava, vasculhou o frigorífico em busca de um pacote de panadinhos de peixe para o almoço de William e Freya.

— Também podia trazer-te um guisado, se quiseres. Algo nutritivo para o lanche das crianças — disse Eleanor. — Não pode fazer-lhes bem nenhum crescer com toda essa comida de plástico.

Lili olhou para o pacote de filetes de peixe que tinha na mão. Não pareciam ter feito nenhum mal ao Capitão Iglo. — Eleanor, se quiser fazer um guisado, acho ótimo — disse ela, porque Eleanor estava nitidamente mortinha por fazer isso. Dar-lhe-ia a oportunidade de se gabar, uma vez mais, da ocasião em que quase fizera uma audição para o *Masterchef*.

— Na verdade, eu queria pedir-lhe um outro favor, mas já faz tanto por nós.

— Alguns de nós são apenas mais organizados que outros — disse Eleanor com vaidade. — Precisas de ajuda com o quê?

— Podia ficar com as crianças esta tarde, por volta das seis? Apenas por uma hora?

— Sem problema. Porquê? Onde vais? — perguntou rapidamente Eleanor. — Ao médico? O que foi desta vez? — Fez aquele movimento com as narinas à Kenneth Williams. — Já te passou a micose?

Lili respirou fundo. Alguns meses antes, Eleanor tinha subido até à casa de banho e regressara vinte minutos depois com uma mão-cheia de lâminas enferrujadas.

— Já tratei do teu armário da casa de banho. Dei-lhe uma boa esfrega e arrumei-o — tinha ela anunciado, largando as lâminas no balde do lixo. — Presumo que o tubo de Canesten te pertença, Lili.

Pasmada, Lili só tinha sido capaz de anuir com a cabeça.

— Então estás com micose, não estás? Isso não é muito bom, pois não? Talvez se lavasses convenientemente a roupa interior à mão em vez de atirares tudo para dentro daquela tua máquina de lavar, este tipo de coisa não acontecesse.

Aquele tinha sido um dos preferidos de Jessie — tinha-lhe dado um nove.

— Não, não estou com micose, — disse pacientemente Lili no momento em que Freya se agitava no sono, — e não vou ao médico, vou ao veterinário.

— Para quê? — Eleanor parecia indignada. — Não tens animais.

— O Drew Darcy falou-me ontem de um cachorrinho que receberam. Está a precisar de um lar, — disse Lili preparando-se, — e eu disse que talvez ficasse com ele.

— Mas o Michael não gosta de cães! — A indignação deu lugar à afronta. — Ele não vai querer um cachorrinho nesta casa.

— A casa também é minha — disse Lili corajosamente — e eu quero.

Nas raras ocasiões em que Lili sabia defender-se, Eleanor nunca sabia

como reagir. Consequentemente, tal como acontecia naquele momento, alguns segundos de completo silêncio eram seguidos de uma abrupta mudança de assunto.

— Vou ligar a chaleira — anunciou Eleanor, enchendo-a à torneira até à medida de duas chávenas, porque mais seria um desperdício. Antes de a ligar, passou um pano macio pela base. — Seja como for, pergunto-me o que andará a tramar a minha vizinha do lado. Estava um jornalista a bater à porta dela esta manhã.

Lili teve de morder o lábio. Então era esse o motivo daquela visita não anunciada. Quando Eleanor assumia o tom de voz de interesse ligeiro, significava que estava prestes a explodir de curiosidade.

Havia uma luz triunfante nos olhos cinzentos de Eleanor. Bernadette Thomas era uma pessoa extremamente reservada. — Não que, inicialmente, eu soubesse que se tratava de um jornalista, é claro. Só que vi o sujeito a bater à porta sem obter resposta, por isso dirigi-me a ele e disse-lhe que a Sra. Thomas tinha saído mais cedo. Depois perguntei-lhe se queria deixar recado, que eu teria todo gosto em transmitir-lho, e ele deu-me um cartão. — Inchada de orgulho, Eleanor tirou-o do bolso do casaco de malha e acenou-o a Lili. — Vês? Tem o nome e o número dele. É um jornalista *freelancer* e está muito interessado em escrever um artigo sobre a minha vizinha do lado para o *The Times*. O que te parece que possa ser?

Freya tinha acordado. Ao pegar nela, Lili absorveu o delicioso aroma da cabeça da bebé e escondeu outro sorriso. — Porque não lhe pergunta?

Eleanor estava naquele momento a esvaziar a máquina de lavar louça e a espreitar com grande desconfiança para o interior de cada caneca, porque só se podia realmente ter a certeza de que alguma coisa estava limpa se fosse esfregada à mão. — A Bernadette Thomas mudou-se para esta aldeia há seis meses e eu tentei por várias vezes encetar conversa com ela…

Interrogatórios, pensou Lili.

— Fiz o possível por ser simpática…

Intrometida, pensou Lili.

— Mas ela nunca me diz nada — concluiu irritadamente Eleanor. — Ela é uma daquelas mulheres antissociais, determinada em fechar-se sobre si própria.

— Espera, há qualquer coisa de errado aqui — disse Jessie. — É o teu dia de folga, ainda é uma da tarde e estás levantado. E vestido. Rápido, dá-me um Valium…

— Ah, ah — disse Oliver quando ela passou por ele na estreita cozinha, roubando-lhe uma fatia de pão torrado de caminho. — Que maneira mais baixa de fazer humor.

Depois de enfiar mais duas fatias de pão na torradeira, Jessie começou a barrar generosamente com manteiga de amendoim a fatia surripiada. Oliver tinha vestidas umas calças de ganga verdes-escuras e uma T-shirt que até pareciam ter sido passadas a ferro.

— Então onde vais tu?

Ele encolheu os ombros. — De carro até Harleston.

— Sozinho? — perguntou Jessie.

— Vou com a Savannah Gillespie.

A torrada saltou.

Olhando para ela, Jessie disse: — Oh.

— Vi-a da janela do meu quarto hoje de manhã. Ela estava sentada no muro ao pé do lago a dar comida aos patos — explicou Oliver. — Começámos de novo a falar e eu disse-lhe que, se ela não tivesse nada para fazer esta tarde, a podia levar a conhecer as redondezas.

Jessie só podia assumir que Savannah ainda não soubesse da verdade. — Hum… os pais dela gostaram da ideia?

Oliver parecia divertido. — Passei no exame de condução, sabes? E a Savannah tem dezoito anos. Não tem de lhes pedir permissão.

— Pois, olha, conduz com cuidado. — Jessie concentrou-se em raspar o resto da manteiga de amendoim do pote. — E vê se és… se és educado.

— Mãe, andas a tomar drogas?

Jessie verificou pela quinta vez se a bateria do telemóvel não tinha descarregado. *Oh, Toby, o que se passa? Porque é que ainda não ligaste?*

Virando-se para Oliver, disse: — E não chegues tarde a casa.

— Yoo, hoo!

O coração de Bernadette Thomas caiu-lhe aos pés quando ela viu a permanente grisalha de Eleanor Ferguson oscilando acima da cerca que dividia as duas casas. Não iria cometer o mesmo erro da próxima vez que comprasse uma casa, isso era certo. Contrataria um detetive particular para verificar primeiro a vizinhança.

— Yoo, hooo!… Bernadette!

A tola da mulher estava a acenar-lhe. Bernadette, que tinha estado tranquilamente a aparar a relva, levantou-se e aproximou-se da cerca.

— Hoje de manhã teve uma visita, enquanto estava fora. Um jornalista — anunciou Eleanor com orgulho e uma curiosidade extremamente mal disfarçada. — Tome, ele deixou o cartão e pediu para entrar em contacto com ele assim que pudesse. Eu perguntei-lhe: «O que se passa? A Bernadette é uma celebridade e nós nem sequer sabemos?» — Riu-se com um pouco de entusiasmo a mais. — Ou uma assaltante de bancos, ou espia russa?

— Não sou nenhuma espia russa — disse Bernadette com as palmas

das mãos a suar. Pegou no cartão e recuou, aterrando desequilibradamente numa das pedras que delimitava o canteiro e quase tropeçando com a pressa de fugir. — E também não assalto bancos.

— Mas é muito reservada. — O tom de Eleanor era malicioso; ela já estava farta das evasivas. — A questão é que as pessoas estão a começar a achar estranho, Bernadette. Sabe bem como algumas pessoas adoram um bocadinho de mistério. Não faltará muito para começarem a imaginar todo o tipo de coisas.

O couro cabeludo de Bernadette começou a picar debaixo do chapéu de palha. Ela sabia que Eleanor tinha razão. E agora o jornalista andava a farejar… Oh, céus, não era bom nem pensar! — Desculpe — disse ela apressadamente, a precisar de tempo para pensar, para se preparar. — Parece que o meu telefone está a tocar.

O telefone de Bernadette podia não ter estado a tocar, mas o de Jessie estava. Equilibrada no cimo de um escadote, com um tabuleiro de tinta mate verde-pistácio numa mão e um rolo na outra, teve de segurar a pega do rolo com os dentes e tirar o telefone de um bolso estreito com uma só mão.

— Sou eu. — Toby parecia relaxado. — Falei com a Deborah e por ela está tudo bem. Podias dizer esta noite ao Oliver, e eu digo aos meus dois, e depois podiam ambos vir até cá para um copo e um pouco de conversa…

— É mesmo assim tão simples? — perguntou Jessie. *Céus, que civilizado!* De alguma forma ela imaginara que fosse um pouco mais dramático.

Mas eu também tenho nitidamente andado a mover-me em círculos irremediavelmente simples, constatou Jessie quando retomava a pintura com o rolo. Provavelmente, quando se fazia parte da alta sociedade londrina, encontrar filhos há muito perdidos era algo banal.

Quando Bernadette falou com o jornalista, verificou com agrado que ele não era do tipo intrometido. Ele ficou dececionado quando ela explicou, apologeticamente, que não podia ajudá-lo, mas garantiu-lhe que compreendia.

Bernadette soltou um suspiro de alívio quando desligou o telefone. Era uma crise evitada, ou, pelo menos, adiada.

Uma hora depois, Bernadette estacionava num parqueamento com parquímetro no centro de Harleston. Verificou a sua imagem refletida no espelho retrovisor antes de sair do carro. Uma anónima na casa dos quarenta, muito bem arranjada e discretamente vestida com uma blusa azul-marinho e uma saia de linho cinzenta, fitou-a em resposta. Passou rapidamente um pente pelo cabelo liso castanho que usava apanhado num pequeno rabo-de-cava-

lo, penteado com risco ao meio. Tocou nos simples brincos de ouro — um habitual gesto tranquilizador — e depois, satisfeita por estar tudo bem, tirou a carteira da mala. Precisava de uma moeda de uma libra para o parquímetro.

A Waterstone's estava relativamente movimentada, mas ninguém reparou em Bernadette, que se misturou com os outros clientes. Ela passou vinte minutos a perscrutar as prateleiras da ficção antes de encontrar o que procurava.

Antonia Kay era autora de quatro romances campestres. Bernadette nunca tinha ouvido falar nela, e como a editora que publicava os seus livros não era uma das mais conhecidas, era de deduzir que Antonia, enquanto romancista, não fosse também um dos grandes sucessos da indústria editorial.

Melhor ainda, não havia biografia da autora em nenhum dos livros, nem havia qualquer fotografia para mostrar aos leitores qual era a aparência de Antonia Kay. Mas pelo estilo do romance, imaginar-se-ia que fosse uma mulher de meia-idade, discreta e comum, que talvez vivesse sozinha, numa aldeia…

— Tu serves — murmurou Bernadette, empilhando os quatro livros na curva do braço para os levar até à caixa de pagamento.

Capítulo 8

Depois de regressar da escola, Harriet Ferguson fez o tradicional passeio das tardes de quinta-feira até à loja da aldeia para ir buscar o seu exemplar da revista *Boyz!!*

— Uma porcaria. Só porcaria — declarou Myrtle Armitage, que tinha gerido a loja nos últimos trinta anos. — Não sei como é que a tua mãe te deixa ler essas coisas indecentes. As coisas não são como eram no meu tempo, isso te garanto.

— Eu sei, — disse pacientemente Harriet, — a senhora diz-me isso todas as semanas. Mas, dona Myrtle, no seu tempo as revistas ainda não tinham sido inventadas. — Céus, provavelmente o sexo também ainda não tinha sido inventado.

— Atrevida. — Myrtle registou o preço da revista e das gomas de fruta. — Rapazes; é só nisso que vocês pensam. Ainda vais acabar por arranjar problemas.

— Não vou, não, — Harriet sacudiu o espesso cabelo castanho para trás, — porque sou esquisita.

— Pois, houve muitas que disseram o mesmo, — disse Myrtle com umas risadinhas, — e acabaram por engravidar na mesma.

Harriet sabia que Myrtle não acreditava nela, mas era verdade, ela era esquisita. Não era intencional, ela nem sequer queria ser esquisita, tratava-se apenas de um infeliz efeito colateral de ler revistas como a *Boyz!!*. Depois de se babar a olhar para as inúmeras fotos de todas as fantásticas, apetecíveis e maliciosas estrelas da música pop e das novelas do país, Harriet tinha chegado à conclusão de que os rapazes de verdade — os que andavam com ela na escola — eram uma autêntica deceção.

A sineta sobre a porta da loja tocou, mas, de nariz enfiado na revista, Harriet estava demasiado absorta em «Como Tornares-te a Beijoqueira do Século» para reparar.

— Sim, querido? — perguntou Myrtle Armitage.

— Hum… Blutack. Tem Blutack? — perguntou esperançosamente Dizzy.

Myrtle lançou-lhe um olhar desconfiado, indagando-se nitidamente se Blutack seria um contracetivo. — Que é isso?

Dizzy começou a parecer preocupado. — Usa-se para colar posters na parede.

— Temos Sellotape — disse Myrtle. — Deve servir.

— É para o meu quarto. Os meus pais iam ficar furiosos. — Dizzy parecia resignado; já tinha tido a experiência. — Parece que essa estraga o papel de parede. Eles disseram que Sellotape nem pensar.

— Oh.

Harriet levantou os olhos do seu artigo. («Não te atires como um aspirador! Dá ao pobre uma oportunidade para respirar!!!») — Foste tu quem acabou de se mudar para a Sisley House?

Dizzy corou em redor das orelhas. — Sim.

— Como te chamas?

— Dizzy.

Harriet franziu a testa. — É um pouco estranho, não é?

Ele ficou ainda mais corado. — Na verdade, é Thaddeus. Horrível. Dizzy era o nome que o meu pai me chamava na brincadeira quando eu era bebé. Por causa do Dizzy Gillespie, sabes?

Harriet não fazia ideia de quem ele estava a falar, mas certamente era melhor que Thaddeus. E ela que achava que tinha um nome mau.

— Seja como for… — Dizzy enfiou as mãos nos bolsos e roçou com os ténis no balcão. — Foi ficando. Agora todos me chamam Dizzy.

— Bem, podia ser pior. — Harriet decidiu ser gentil. — Eu vomitei uma vez numa festa e durante anos a minha alcunha foi Vómito.

Myrtle Armitage — cuja alcunha na escola, de alguma forma previsível, tinha sido Myrtle, a Tartaruga — endireitou uma pilha de *Country Life* e registou a sua desaprovação com uma fungadela.

— A minha irmã chama-se Savannah — disse Dizzy — e todos lhe chamam Savlon. — Ele parecia satisfeito. — Fui eu que inventei esse.

— Bem, — disse Harriet, — eu tenho Blutack em casa. Se quiseres, posso dar-te um bocado.

— Eh, boa! — O rosto de Dizzy iluminou-se. — Isso era muito fixe. Obrigado… eh… Vómito.

— Já ninguém me chama Vómito — disse Harriet, dirigindo-se com ele para a porta. — O meu nome é Harriet.

Harriet gostou de falar com Dizzy durante dois minutos completos. O outro problema com os rapazes de verdade, como ela já tinha começado a aperceber-se, era que nunca demoravam muito tempo para revelarem os defeitos.

E, como rapidamente pôde constatar, Dizzy não era exceção. Quando percorriam calmamente a High Street, em direção ao Antigo Vicariato, aproximaram-se do Seven Bells. O pub estava fechado, mas Moll Harper, a empregada de bar a tempo inteiro que vivia por cima, estava estendida no relvado do largo da aldeia a aproveitar o sol antes da reabertura às cinco e meia. Estava deitada sobre uma toalha vermelha. Usava um biquíni verde-escuro e os caracóis castanhos com madeixas alouradas estavam espalhados, estilo Medusa, em redor da cabeça. Harriet não pôde deixar de reparar que, mesmo deitada de costas, os seios espantosos continuavam a apontar para cima.

Os homens ficavam loucos com Moll Harper, e isso desconcertava Harriet, que não conseguia imaginar porquê. Moll usava roupa simples de campónia, nunca nada da moda. Quando as revistas diziam que a tendência eram sombra de olhos claras e batons metálicos, Moll usava delineador escuro esfumado e deixava nua a grande boca vermelha. Ela tinha um rabo enorme, curvas por toda a parte, ancas largas e tinha, pelo menos, dez quilos a mais. Qualquer outra pessoa que tomasse banho de sol em público, de biquíni, encolheria a barriga, pensou Harriet. Mas Moll, não. Tinha um pneu sobresselente e não tinha medo de o mostrar. Ela simplesmente estava-se nas tintas.

Era impossível imaginar alguém menos parecido com uma supermodelo, porém, os homens não ficavam minimamente incomodados com isso. Caíam como moscas sob o feitiço de Moll. Ela era famosa por isso; só precisava de olhar para eles e exibir o seu sorriso indolente e insolente, e eles estavam perdidos.

Vai ser um teste, pensou Harriet quando se aproximaram. *Se o Dizzy não disser nada, seremos amigos para sempre. Se ele disser alguma coisa… bem, não há nada a fazer. Será apenas mais um idiota.*

Por sorte, Moll estava a dormir.

— Uau!! — disse Dizzy, virando-se subitamente para trás, qual míssil de infravermelhos, para poder ver melhor. Comeu-a com os olhos por breves instantes e depois tornou a virar-se para a frente, entusiasmado. — Vi-a ontem à hora do almoço, a trabalhar no pub. Que corpo, que borracho! É o máximo.

Hum. O máximo da gordura, certamente. — Estou espantada por não teres uivado — zombou Harriet.

— Bem, ela está a dormir. Não quero acordá-la.

Harriet pensou na hipótese de lhe dizer que Moll Harper era uma galdéria — de facto, praticamente uma prostituta, já que dormia com tantos homens — mas supôs que isso só servisse para aumentar ainda mais o interesse de Dizzy. Em vez disso, olhou para baixo para a camisa azul e

para a horrível saia pregueada da escola e interrogou-se se algum dia iria ter busto.

— Ela é casada ou coisa do estilo? — perguntou Dizzy avidamente, espreitando ainda para Moll por cima do ombro.

Vou dizer-lhe que espere no jardim e atiro-lhe a Blutack pela janela, decidiu Harriet. *Ele não vai entrar na minha casa*.

Homens, rapazes: são todos iguais, pensou ela com desdenhosa resignação. Dizzy Gillespie não passava de mais um idiota louco por sexo.

Lili estava a ser subversiva, e era uma experiência emocionante. Sentia-se malandra e rebelde e muito diferente do habitual. Sentia também como se devesse estar de blusão de cabedal com a gola subida, e óculos escuros, e talvez um par de Levi's 501 radicalmente rasgadas.

Foi algo dececionante quando vislumbrou a sua imagem refletida nas portas de vidro laminado do consultório veterinário e se lembrou que estava, na realidade, com uma T-shirt rosa e branca florida e umas calças de ganga radicalmente engomadas da M&S.

Além disso, como tinham sido engomadas por Eleanor Ferguson, tinham, na parte anterior de cada perna, uns vincos suficientemente pronunciados para cortar pão.

Lili confortou-se com a convicção de que, apesar de poder não parecer subversiva, ia certamente agir subversivamente. Quantas mais objeções Eleanor tinha desenterrado, mais decidida ela tinha ficado em levar o cachorrinho para casa. — Céus, estás diferente! — disse ela a Drew quando a rececionista a conduziu ao consultório.

Ele sorriu. — É a bata branca. Faz-me parecer inteligente. Senta-te que eu vou buscá-lo.

Quando ele regressou, menos de um minuto depois, Lili quase foi derrubada da cadeira por uma mancha castanha sacudindo freneticamente uma cauda. O cão lançou-se para cima dela, ganindo com prazer, sentou-se desajeitadamente no colo dela e lambeu-lhe alegremente a cara.

— Vês? Porque é que não sou capaz de fazer isso quando conheço uma mulher de que gosto? — disse Drew, maravilhado.

— Oh, ele é divino! — Os olhos de Lili encheram-se de lágrimas de alegria. Segurou o focinho do cão entre as mãos e contemplou com adoração os olhos castanho-chocolate. — Posso mesmo levá-lo para casa?

— Parece-me amor à primeira vista. — Drew estava encostado à marquesa com os braços cruzados sobre o peito, a observar os dois. — Quem sou eu para me intrometer num casal perfeito?

— Oh, Drew…

— Mas não sabemos o nome dele.

O cão ainda estava a lamber as bochechas molhadas de Lili. Era magricela e desengonçado, como um adolescente inibido, e quando se apercebeu que Lili o estava a observar novamente, inclinou a cabeça para um lado como uma modelo a posar timidamente para a câmara.

— Deixei os miúdos em casa com a minha sogra — disse Lili.

Drew fez, de imediato, um ar solidário: Eleanor não gostava de Drew, de Jamie nem de Doug, quase tanto quanto não gostava de Lili. — Passei pela loja esta tarde quando vinha a caminho daqui — disse-lhe ele — e ela estava lá a dizer à Myrtle Armitage que tinha estado as três últimas horas a passar a tua roupa a ferro.

— Trouxe-ma esta tarde. — Lili fez uma careta. — Pôs-se no meio da cozinha, olhou em volta e disse: «Sabes do que isto está a precisar, Lili? Isto está a precisar de um belo ataque relâmpago.» Por isso acho que é isso que vamos ter de lhe chamar — concluiu ela alegremente, esfregando as orelhas descaídas do cão. — Relâmpago.

Relâmpago urinou três vezes no carro a caminho da sua nova casa. Quando chegaram ao Antigo Vicariato, lançou-se em primeiro lugar a Harriet e depois a Eleanor, atirando as patas em todas as direções, como as de um Bambi, quando correu disparado de uma ponta à outra da cozinha.

Urinou mais duas vezes no chão ladrilhado, saltou para o banco junto à janela para admirar a vista, emitiu uma série de uivos extasiados e transpôs a mesa da cozinha de uma assentada, derrubando o cesto de roupa impecavelmente engomada de Eleanor.

— Ele nem sequer está domesticado! — gritou Eleanor, vermelha de indignação.

— Está, sim — garantiu-lhe Lili, mantendo os dedos cruzados atrás das costas. — Está é muito feliz por nos ver.

— Não sei o que o Michael vai dizer sobre isto, não sei mesmo.

Sentindo-se espantosamente corajosa, Lili disse: — Oh, pensei que sabia. — Fez um ar inocente. — A senhora disse que ele ia ficar furioso.

— Bem, isso vai ficar certamente. — Os lábios de Eleanor contraíram-se. Ela sabia que Lili tinha ido à loja no início da tarde e comprado seis latas de Pedigree e um saco de biscoitos para cão. Não tinha sido sua intenção regressar de Harleston sem o raio do cão.

— Mãe, ele é o máximo! — exclamou Harriet de olhos a cintilar. — Como é que se chama? Podemos acordar a Lottie e mostrar-lhe?

— Não, não podem. — Eleanor ficou horrorizada com a sugestão. — As crianças precisam da sua rotina. Deitei-a há vinte minutos…

— Mas é uma ocasião especial — disse Lili. Safa, mais subversão! — E

a Lottie ia adorar conhecê-lo. Vai lá, corre até lá acima e acorda-a — disse para Harriet. — E o nome dele é Relâmpago.

— Devia ter adivinhado — disse Eleanor num tom depreciativo. As narinas oscilaram como tendas. — É um nome ridículo para um cão.

Capítulo 9

Relâmpago não foi o único ente a ser apresentado à sua nova família naquela noite.

— Tens a certeza de que estás bem? — perguntou Jessie pela vigésima vez quando caminhava com Oliver ao longo da Compass Lane em direção à Sisley House.

— Mãe, não compliques. Porque não haveria de estar bem?

Jessie tinha-se sentado com Oliver e contara-lhe tudo, bem como na véspera contara tudo a Lili. Só que tinha sido muito mais fácil contar a Lili.

— Não sei. — Jessie detestava não saber as respostas às perguntas; ela estava só a tentar ajudar. — Acho que o que quero dizer é que não te preocupes se te sentires um bocado estranho com a situação. Sei o choque que deve ser…

— Mas alguns choques são mais agradáveis que outros. Quero dizer, se me tivesses dito que o meu pai era um assassino em série, seria um dos piores — salientou Oliver com sensatez. — Mas trata-se do Toby Gillespie. Já o conheci, conheci a família dele… São todos fantásticos. Ok, é um choque, — continuou ele, — mas quando se pensa, é até um choque bastante agradável. Podia ser muitíssimo pior.

— Oh, querido… — Jessie estava ansiosa por abraçar o filho, mas não o podia fazer. Não em público. Oliver tinha colocado um ponto final nisso aos oito anos de idade.

— O mais estranho é que, — Oliver parecia pensativo, — quando eu era pequeno, costumava imaginar que o meu pai era rico e famoso. — Sorriu fugazmente. — E era verdade. Ele era mesmo.

Estavam a aproximar-se do portão da Sisley House. Jessie abrandou o passo. — Deveria ter-te contado há mais tempo? — Ela parecia preocupada. — Fiz a coisa errada? — Sentia-se pessimamente.

Oliver nunca tinha tocado no assunto. Partia-lhe o coração imaginá-lo a fantasiar acerca do pai ausente.

Oliver percebeu de imediato o que lhe estava a passar pela cabeça. — Olha, quase toda a gente faz o mesmo. Falávamos sobre isto na escola; é uma

coisa que os miúdos gostam de fazer. Mesmo os que sabiam que os seus pais eram os pais biológicos. Até esses sonhavam acordados com a descoberta de que o pai verdadeiro fosse o Steve McQueen ou o Rod Stewart ou outro qualquer, e que a mãe verdadeira fosse… céus, não sei… a Cher.

Foi Toby quem atendeu a porta. Para alívio de Jessie, ele não tentou fazer nada embaraçoso, como abraçar-se a Oliver. Piscou simplesmente o olho e sorriu, apressando Jessie a entrar.

— Deixa-me ter uma palavrinha a sós com o Oliver. Jess, vai até à sala de estar, está bem? O Oliver pode vir comigo até à cozinha e dar-me uma ajuda com as bebidas.

A sala de estar, com as suas paredes amarelas-douradas e a pouco prática carpete amarela-clara, estava inundada pela luz do Sol do fim de tarde. Jessie começou a sentir o coração acelerar. Sentia como se estivesse num palco, numa peça de teatro, e ninguém a tivesse deixado ver uma cópia do guião.

Deborah estava à janela, o cabelo preto brilhante, o corpo impecável envolto num camiseiro de seda cinzento liso e numas calças justas cinzentas. Os únicos pontos de cor eram o batom vermelho e as sandálias de pele às tiras vermelhas.

Ela estava a fumar um cigarro de mentol e os olhos semicerraram quando viu Jessie à porta.

Se se tratasse de uma peça de teatro, Jessie não precisava propriamente de um guião para saber que ali estava a cabra perfeita, a má da fita.

Só que não se tratava de uma peça de teatro.

— Malditos cigarros. — Deborah apagou-o num cinzeiro próximo, pestanejou e passou um dedo por debaixo de cada olho para ver se o rímel não tinha esborratado. — Céus, sou um caso perdido a fumar! Entra-me sempre fumo para os olhos. — E depois, num repente: — Oh, Jess, dá para acreditar? Somos praticamente família! Viver aqui vai ser tão divertido!

— Não se importa? — perguntou Jessie, extremamente aliviada. — Por causa do Oliver?

Deborah fez um ar espantado. — Porque me importaria? Tudo isso aconteceu antes de eu e o Toby nos termos conhecido. Credo, ele não desencantou nenhum bebé de repente! — Ergueu as sobrancelhas escuras e disse, com uma expressão séria: — Se ele fizesse isso, eu poderia ficar um pouco chateada.

— Ainda bem que não se importa. — Jessie empoleirou-se no braço de um dos sofás e olhou surpreendidamente em volta. — Instalaram-se depressa. Deve ter gasto umas boas horas a tratar disto tudo.

— Os homens fizeram a maior parte. Eu supervisionei apenas o desempacotamento e disse-lhes onde haviam de colocar tudo. — Deborah

abriu um sorriso. — Mandei neles, fi-los chorar, ameacei obrigá-los a beberem mais uma chávena do chá do Dizzy, esse tipo de coisa.

Gosto dela, pensou Jessie. *É inteligente, gosto mesmo dela. Quem me dera não gostar, mas gosto*. O estômago deu uma reviravolta com choque quando ela se apercebeu das implicações do último pensamento. Daquele último pensamento velhaco.

— Bebidas — anunciou Toby, abrindo a porta de empurrão e entrando com Oliver.

— … A maioria das pessoas faz um ano de intervalo antes de entrar na faculdade, mas eu mal podia esperar para entrar — estava Oliver a dizer. — Por isso estou agora a fazer o meu. É por isso que estou a trabalhar no Seven Bells, para juntar algum dinheiro. Assim que poupar o suficiente, vou fazer uma viagem pela Europa.

— A Jess disse-me que tu conseguiste boas notas nos exames finais — disse Toby. — Estou impressionado.

— Vá, deixem-me olhar bem para vocês — disse ansiosamente Deborah. Observou-os atentamente em silêncio durante alguns segundos e depois virou-se para Jessie. — Está mesmo lá, não está? Quero dizer, não se diria assim de repente ao olhar para o Oliver: «Céus, aquele miúdo é a imagem chapada do Toby Gillespie.» Mas quando estão lado a lado, vê-se a parecença nos olhos, nas maçãs do rosto… até têm a mesma postura.

— O mesmo cabelo louro — disse Jessie, acenando afirmativamente com a cabeça.

— Como a Savannah. — Toby parecia divertido. — Só que ela tem mais.

— Por falar na Savannah, — disse Oliver, — onde está ela?

A porta rangeu e abriu-se ainda mais.

— Estou aqui.

Savannah parecia estar a segurar-se à maçaneta da porta para não cair enquanto contemplava o grupo reunido. Tinha vestido um top preto curto e uma saia de ganga cor de laranja, e Jessie interrogou-se se ela teria estado a chorar.

Virando-se para ela, sustendo a respiração, Oliver gesticulou com os lábios: — Estás bem? — E, por um interminável e apavorante momento, Savannah não reagiu.

Depois, fazendo subitamente um sorriso enorme, correu até ele e abraçou-o. — Claro que estou bem. És o meu irmãozinho mais velho. E sabes o que isso significa?

Oliver abanou a cabeça. — O quê?

— Mais uma pessoa a comprar-me presentes fantásticos no Natal.

Ufa. Jessie relaxou, grata por ter estado enganada. Por uns terríveis

segundos pensara que Savannah estava genuinamente perturbada. Viu-a beijar ruidosamente Oliver em ambas as faces.

— Estávamos só a ver as parecenças entre nós — disse Toby.

— Parecemos irmãos? — Savannah parecia encantada. — Há o cabelo, claro. Somos mesmo parecidos? Que mais é igual?

Ela estava alegremente posicionada ao lado de Oliver, pronta para inspeção, quando Dizzy apareceu quase despercebido.

— Aposto como o Oliver não tem uma tatuagem no rabo — salientou ele, quase para si próprio. — Pelo menos uma que diga «Eu amo o Jez».

— Seu bufo! — guinchou Savannah, corando fortemente. Agarrou no braço de Oliver. — Pronto, aqui está uma tarefa para um irmão mais velho. Transforma-o em polpa, está bem? Não, melhor, em puré.

Parecendo horrorizado, Toby disse: — Savannah, por amor de Deus, diz-me que não tens uma tatuagem!

Trocando olhares, Jessie e Deborah tentaram não se rir.

— Querida, não consigo manter-me a par de tantos rapazes. — Deborah franziu o sobrolho e esforçou-se por se lembrar. — Qual era o Jez?

— Olhem só para vocês!

Chegado do hospital, Doug Flynn analisou, bem-humorado, a sala de estar da Keeper's Cottage. A televisão estava a transmitir críquete da Austrália. Drew e Jamie, de calções e T-shirts com os slogans «Sou um Borracho das Marés Vivas» e «Cuidado: Aqui Vêm os Gajos do Râguebi», estavam esparramados em poltronas com latas de cerveja na mão. Mais latas cobriam a mesinha de centro. Pacotes vazios de aperitivos de queijo e cebola, amarrotados e lançados à televisão sempre que os australianos pontuavam, salpicavam o tapete. Drew tinha um chapéu com rolhas penduradas na aba. Jamie tinha umas cuecas às riscas vermelhas e brancas na cabeça.

— Junta-te a nós. — Drew acenou provocadoramente com a lata meio cheia debaixo do nariz de Doug. — Há muito mais no frigorífico. A Austrália está a vencer duzentos e oito a seis. Na verdade, está a ser um jogo excecional.

— Não posso, vou sair. — Doug estava já a despir a camisa e a dirigir-se ao piso superior para ir tomar duche.

— Com a Alison? — Os olhos de Jamie estavam fixos no ecrã, mas ele estava suficientemente interessado para perguntar. Gostava de Alison; ela tinha umas mamas colossais.

— Com a Melissa.

Dez minutos depois, Doug desceu novamente as escadas, de banho tomado, roupa trocada e nitidamente pronto para qualquer coisa. Para al-

guém que tinha acabado de sair de um turno de vinte e quatro horas nas urgências, estava com ótima aparência. Drew não conseguia perceber como ele conseguia. Até a camisa estava engomada.

— Ocupado hoje?

Doug sorriu. — Apareceu um sujeito a queixar-se de dor abdominal. Do tipo gerente de banco. Fizemos-lhe uma radiografia e ele tinha um frasco de Marmite enfiado no cu.

Drew bufou para dentro da cerveja. — Cheio de Marmite?

— Não, amendoins.

Era algo habitual nas urgências. Podia pensar-se nas coisas mais estranhas e colocá-las nos orifícios mais improváveis, que alguém já tinha, de certeza, tido a mesma ideia.

— Ele disse porquê? — perguntou Jamie, maravilhado.

— Não. Só chorou e implorou para que não disséssemos nada à mulher dele.

— Mas quando é que passaste essa camisa? — Drew estava perplexo.

— Não passei. A Alison ofereceu-se. Passou-me uma pilha de roupa.

— Não passou nada meu — disse Jamie com tristeza.

Doug riu-se. — Ah, mas tens de fazer por merecer!

Primeiro, Drew indagou-se como se sentiria Alison se soubesse que Doug estava a usar uma das camisas, que ela tão carinhosamente engomara, num encontro com outra pessoa. Depois indagou-se qual seria a sensação de se sair com uma miúda, usando uma camisa que tinha tão carinhosamente sido passada a ferro por outra. Finalmente, indagou-se como seria ser Doug Flynn, ser-se tão bem-parecido e aparentemente irresistível que, onde quer que fosse, havia miúdas — miúdas *lindas* — a atropelarem-se para sair com ele. E para lhe passar as camisas.

— Olha para isso, olha para isso! — gritou Jamie, levantando-se de um salto. — Apanha, idiota! Apanha-a, apanha-a… SIM! FORA!

— Eu também. — Doug olhou pela janela no momento em que um carro parava na berma em frente à casa.

— Estás a brincar! — exclamou Drew. — Quer dizer que ela ainda vem aqui buscar-te?!

Como é que o sacana conseguia?

— Ela ofereceu-se. Que podia eu dizer? — Encolhendo os ombros, Doug pôs um casaco de linho creme sobre um ombro e dirigiu-se à porta.

— Não saias já. Trá-la cá e apresenta-a — pediu Jamie. — Ainda não vi a Melissa.

Ele estava de joelhos em frente da televisão, as cuecas caídas sobre um olho.

— A questão é: quereria ela conhecer-vos? — disse Doug.

Às dez horas os australianos estavam a vencer duzentos e setenta a oito e Drew estava a começar a desejar não ter comido cinco pacotes de aperitivos de queijo e cebola. O sabor na boca era diabólico. Deu mais um trago de cerveja e tentou bochechar com ela, tipo colutório. De nada serviu. Equilibrou a lata meio vazia sobre o joelho e também de nada serviu; esta caiu de imediato, vertendo o conteúdo por cima dos calções.

Mas, estava uma noite quente. Pelo menos a cerveja estava fresca. E havia muita de sobra no frigorífico, pensou Drew com satisfação.

— Abre tu — disse ele a Jamie quando a campainha da porta tocou.

— Não, vai tu.

Drew apontou para a frente encharcada dos calções. — O quê? Neste estado?

— Olha, — disse Jamie, que estava deitado no chão, — eu adoraria atender a porta, mas acho que estou demasiado bêbedo para me levantar.

— Credo! — disse Drew quando viu quem estava à porta. — Quero dizer… olá.

Quando engoliu em seco, o ruído foi bem audível, como num desenho animado.

O que podia ser mais embaraçoso?

Capítulo 10

Deborah Gillespie, compreensivamente, parecia divertida.

— Olá. Sou a vossa nova vizinha. — Levantou a pá e a vassoura que Jessie Roscoe tinha pedido emprestadas no dia anterior. — Vim só devolver isto.

Dormente do choque, Drew aceitou-as. Claro que ele sabia que os Gillespie se tinham mudado para a Sisley House, mas continuava a ser uma estreia abrir a porta e dar inesperadamente de caras com alguém que até então só se tinha visto na televisão ou nos jornais.

— Oh, claro, ótimo… obrigado. — Colocou instintivamente a pá em frente do abdómen para tentar esconder a mancha. Oh, céus, assim ficava ainda pior. Viu o olhar de Deborah Gillespie baixar até aos calções.

— Entornei um bocado de cerveja. Não está… quero dizer, eu não…

— Se mijou — disse Deborah, de olhar sério. — Muito bem.

Raios, ele sentia-se como um adolescente. Que diabos deveria dizer de seguida?

Felizmente, Deborah fê-lo por ele. — Então, é você o médico ou um dos veterinários? Sabe, — exibiu um sorriso encantador, — já sei tudo sobre vocês.

O quê? O que é que ouviu? Terá sido tudo mau?, interrogou-se Drew, hipnotizado pelos olhos escuros e pela beleza ofuscante dela. Raios, ela tinha-lhe feito uma pergunta… ele devia ser capaz de dar uma resposta sensata.

— Hum, vet.

— Está sozinho esta noite?

Drew encolheu-se quando Deborah espreitou para as suas costas. Se ela fosse uma visita normal, ele tê-la-ia convidado a entrar sem pensar duas vezes. — Quem é? — gritou Jamie da sala de estar.

Oh céus, oh céus…

— Médico? — perguntou Deborah animadamente.

— Outro veterinário.

— Ah, certo. — Ela anuiu com a cabeça. — Na verdade, passei por aqui para perguntar se podiam emprestar-me um pouco de leite. E se puderem dispensar um bocado de detergente para a louça, melhor ainda.

Aquilo era ridículo, constatou Drew. Quanto tempo poderia ele ficar ali assim — credo, como um guarda prisional! — a barrar-lhe a entrada?

— Olhe, — explodiu ele em desespero, — pode entrar, mas isto está uma lixeira. Uma autêntica lixeira.

— Está com receio de que eu possa ficar chocada? — Deborah parecia alegre.

— Bem, não é uma visão agradável.

— Vocês são três homens solteiros a partilharem uma casa — consolou-o ela. — Se fossem imaculados, eu assumiria simplesmente que eram gays.

— Quem é gay? — perguntou Jamie com indignação deitado no chão enquanto Drew a conduzia para a sala de estar. — Eu não, isso de certeza… — Tendo começado a beber cerveja antes de Drew, espreitou de debaixo das cuecas para Deborah. — Drew, tens a certeza de que é o rapaz das pizzas? Não tem borbulhas suficientes.

Drew enrubesceu, já envergonhado, e deu um rápido pontapé de alerta no pé descalço de Jamie. — É a nossa nova vizinha, idiota. Deborah Gillespie. Peço imensa desculpa pelo Jamie, — acrescentou ele a Deborah, — ele está com os copos.

— Pelo menos não se molhou — disse Deborah, apontando para a frente dos calções de Drew.

— Pois. O que é que queria? Leite e detergente de louça? — Drew dirigiu-se à cozinha; quanto mais rápido saísse dali, melhor.

— Só se puder dispensar-mos.

— Leite e detergente de louça? — Jamie parecia estupidificado. — Que é isso? Alguma espécie de cocktail? Ok, eu experimento um, — gritou ele em direção à porta aberta, — mas enfiem vodka no meu.

— Em Londres estávamos habituados a lojas que ficavam abertas a noite toda — explicou Deborah. — Vai demorar algum tempo a acostumarmo-nos a não acabarmos as coisas depois das seis da tarde.

— Bem, podem sempre vir aqui pedir-nos emprestado. — As mãos de Drew tremeram ligeiramente quando ele despejou praticamente todo o leite que lhes restava para uma caneca lascada do Dia da Independência. Depois de espremer uma quantidade decente de Fairy líquido para dentro do único recipiente que ainda estava limpo — tinha de ser, não tinha? A caneca com a rapariga sobredotada cujo biquíni desaparecia quando era aquecida —, entregou-as a Deborah. — Aqui tem.

— É um anjo. — A sorrir, ela pousou-as na bancada atafulhada. —

Bem, eu não preciso de regressar já a correr. Por acaso não teria uma cerveja excedente?

— As nossas cervejas não se excedem — gritou Jamie. — Somos nós que nos excedemos com elas!

— Desculpe, ele é tão mal-educado. — Drew tirou outra lata do frigorífico e olhou freneticamente em redor, indagando-se onde iria servi-la.

— Vá, acalme-se. — Deborah pegou na lata gelada e deu-lhe umas pancadinhas no braço. — Não entre em pânico e pare de tentar tratar-me como se eu fosse a Rainha Mãe. Já vi homens um bocadinho piores no que toca à bebida — acrescentou com um sorriso inocente. — Há vinte anos que convivo com atores.

— Ok. Certo. — Drew tentou sorrir de volta, mas ainda lhe apetecia enrolar Jamie no tapete não aspirado e atirá-lo, cuecas incluídas, para o lago da aldeia.

Procurava ainda, sem sucesso, um copo que não fosse uma caneca de meio litro. Deborah sorriu e abriu a lata. — Não se preocupe, estou bem assim.

Depois de regressarem à sala de estar, ela bateu com a lata, primeiro na de Drew e depois, inclinando-se, na de Jamie. — Aos novos vizinhos e aos tempos de felicidade que aí vêm. À nossa!

Drew constatou que estava com as pernas bambas — algo assustadoramente maricas de acontecer a um adulto. Indagou-se se Deborah Gillespie seria a mulher mais hipnoticamente bela, encantadora e totalmente fantástica que conhecera na vida e decidiu quase de imediato que era claro que sim e murmurou: — À nossa!

E, de qualquer forma, porque é que estava assim tão excitado? Era o problema com as mulheres hipnoticamente belas, encantadoras e fantásticas: estavam muitíssimo fora do seu alcance.

— Onde estiveste? — protestou Toby quando Deborah reapareceu finalmente. — Disseste que ias fazer café. — Olhou para as horas. — Isso foi quase há uma hora.

— Tinha-se acabado o leite. — Deborah equilibrou o tabuleiro sobre a mesa. — Fui pedir um pouco aos miúdos da casa ao lado. Fiquei à conversa. Tinha razão, — disse ela alegremente a Jessie, — são adoráveis.

Adoráveis? Jessie escondeu um sorriso. Ela não tinha ido assim tão longe. Tinha dito que eram divertidos.

— O Doug estava? — perguntou ela. Não conseguia imaginar, principalmente, alguém apelidar Doug Flynn de adorável.

— O médico? Oh, ele tinha saído. Conheci apenas os veterinários. Jamie e o grande sardento… como é que se chama? Drew, não é?

Oliver estava no sofá a comparar notas escolares com Savannah. Ergueu os olhos.

— Drew Darcy.

Deborah começou a rir-se.

— A sério? É mesmo o sobrenome dele? Foi então o elegante Sr. Darcy que acabei de conhecer? Oh, céus, pobrezinho. Que horror ser-se um enorme e sardento jogador de râguebi e carregar um nome desses.

Jamie estava a ressonar no tapete, mas Drew não conseguia dormir. Continuava a pensar nos acontecimentos da noite quando Doug entrou de braço em volta de Melissa. Ele olhou para o estado horrendo da sala de estar e para a forma inerte de Jamie, e conduziu imediatamente Melissa na direção das escadas.

— O que se passou? — perguntou a Drew, por cima do ombro, referindo-se ao jogo de críquete.

— Oh, nada de especial. A Deborah Gillespie apareceu aqui… só isso. — Drew bocejou e esticou-se como se fosse o tipo de coisa que estava sempre a acontecer na sua vida. — Conversámos e bebemos algumas cervejas; na verdade, bastantes cervejas. Demo-nos bastante bem…

— Pois, pois. — A sorrir, Doug deu umas pancadinhas suaves no rabo provocante de Melissa. — Estás a ouvir, querida? As tristes fantasias do solteirão solitário e faminto de sexo. Promete-me que nunca vais deixar que isto me aconteça.

— Só mais uma coisa antes de ires — disse Toby quando se dirigiam todos ao hall de entrada. Passava da meia-noite e Jessie tinha de acordar cedo na manhã seguinte. — Conheces algum excêntrico na aldeia?

— Porquê? — Jessie piscou o olho a Deborah. — Estás mortinho por conhecer um?

Mas Toby não estava a sorrir. Tirou um envelope dobrado do bolso traseiro e entregou-lho com um encolhimento de ombros. — Provavelmente não é nada, pode ser algo fortuito. Mas estava a pensar se te viria alguém à mente.

Jessie desdobrou o envelope, que tinha sido entregue em mãos, e retirou uma única folha de papel. Nesta estavam as palavras: Sr. Gillespie, Não é bem-vindo aqui.

E era tudo, escrito em maiúsculas trémulas no centro da página.

— Alguém dextro a escrever com a mão esquerda — disse Jessie. Levantou os olhos, sentindo-se como a Miss Marple.

Toby ergueu uma sobrancelha. — Alguma ideia?

— Não imagino quem faria uma coisa destas.

— Provavelmente são miúdos — disse Deborah, despreocupada. — Quando é que a recebeste?

— Enfiaram-na pela ranhura da porta durante a noite passada. Quando descemos esta manhã, estava sobre o tapete.

— Vais mostrá-la à polícia?

Toby abanou a cabeça. — Não é propriamente uma carta ameaçadora. Só perguntei porque podias ter dito imediatamente, «Oh, isso só pode ser o fulano tal, ele está sempre a fazer coisas destas».

— Bem… não, não há ninguém óbvio. — Jessie parecia confusa. Toby e Deborah não pareciam alarmados, mas as cartas anónimas não eram um bocadinho preocupantes?

Lendo-lhe os pensamentos, Deborah disse: — Este tipo de coisa acontece quando se é figura pública. Ao longo dos anos, o Toby tem tido a sua quota-parte de cartas estranhas e de fãs obsessivos. Uma mulher pensava até que era casada com ele. — Encolheu os ombros. — É aborrecido, mas inofensivo. Acabamos por nos acostumar.

— A única diferença é que, habitualmente, as pessoas desejam que nos mudemos para a sua terra. — Com um leve sorriso, Toby voltou a meter a carta no envelope e enfiou-o numa das gavetas do aparador. — Enquanto que esta parece querer-me fora daqui.

Capítulo 11

Mais um dia abrasador. Às onze horas, o céu azul brilhante estava completamente limpo. Como a terra estava fissurada e seca, e as pobres plantas ressequidas gritavam por água, Bernadette Thomas começou a encher o regador na pia da cozinha. Levaria pelo menos uma hora e muitos vaivéns, mas a interdição da mangueira tinha entrado em vigor, e com uma vizinha como Eleanor Ferguson não se podia desprezar interdições. Ela chamaria imediatamente a polícia das mangueiras.

Como já era de esperar, a cabeça de Eleanor depressa surgiu por cima da cerca que dividia os dois jardins. Bernadette apostou consigo própria que a palavra «jornalista» iria aparecer na terceira frase que Eleanor proferisse.

— Bom-dia — entoou Eleanor. — Céus, isso parece estar a dar muito trabalho!

Bernadette sorriu e anuiu com a cabeça.

Uma.

— Bem, parece-me uma pena desperdiçar um ótimo dia de sol como este: acho que vou lavar os cortinados.

— Boa ideia — disse Bernadette, regando cuidadosamente as petúnias.

Duas… quase.

— Oh, a propósito, — o tom de Eleanor era forçadamente descontraído, — sempre conseguiu entrar em contacto com aquele tal jornalista?

Três. Bingo.

Sem estarem cientes do facto — pois só tinham trocado sorrisos e rápidas amabilidades de passagem —, Bernadette e Lili Ferguson tinham acertado precisamente no mesmo método para se manterem sãs. Transformar a incurável bisbilhotice de Eleanor numa forma de entretenimento fazia toda a diferença do mundo; resultava mesmo.

Bernadette sacudiu o regador quase vazio por cima das ervilhas-de-cheiro e endireitou-se. — Sim, obrigada, consegui.

— Oh.

Se Eleanor tivesse bigodes de gato, estes estariam naquele momento a tremelicar. (Na verdade, ela tinha tendência para os bigodes, mas arrancava-os religiosamente, usando a pinça excelente que tinha no canivete suíço.)

— E… hum, tinha alguma coisa a ver com a… com a aldeia?

Bernadette respirou profundamente. — Por acaso, ele queria entrevistar-me acerca do meu trabalho. Mas, como sabe, sou uma pessoa reservada. Prefiro realmente manter a minha privacidade.

— O seu trabalho…?

Esqueçam o tremelicar; isso eram águas passadas. Eleanor estava naquele momento completamente impaciente.

— Não dou entrevistas. Disse-lhe isso e ele compreendeu — concluiu inocentemente Bernadette, virando-se para a casa com o regador vazio na mão. — Por isso obrigada pelo seu interesse, mas falar com jornalistas não é a minha ideia de diversão.

— Mas… — A boca de Eleanor estava escancarada como a de um peixe fora de água. — Mas… eu não… Você nunca me disse que tipo de trabalho tem!

Bernadette parou à porta, como se estivesse a refletir no assunto. Exalou lentamente. — Desculpe. Algumas pessoas gostam de publicidade e outras não. Escrevo livros, só isso. Romances.

— É escritora? Mas que excitante! — A expressão de Eleanor era de avidez. — Não fazia ideia! Que espécie de romances escreve?

Mais uma pausa e depois Bernadette inclinou a cabeça em direção à casa.

— Entre, se quiser, e eu mostro-lhe.

No interior, a casa estava pouco mobilada, mas escrupulosamente limpa, reparou Eleanor com aprovação.

Quando Eleanor se esticou para alcançar uma das prateleiras embutidas na parede, a combinação branca rendada apareceu por debaixo da bainha do vestido tipo camiseiro verde-claro. Eleanor também aprovou isso. Na sua opinião, havia demasiadas mulheres sem combinação.

— Aqui tem. — Bernadette entregou-lhe um pequeno punhado de livros. Parecia envergonhada. — Não se vendem propriamente aos milhões, mas dá para viver.

Eleanor estava encantada. A sua vizinha do lado era uma autora publicada! Imagine-se!

— Antonia Kay… É este o seu nome de escritora, então? O seu… como lhe chamam?

— Pseudónimo. — Bernadette acenou afirmativamente com a cabeça. — Uma vez mais, prefiro a privacidade.

— Bem, e pensar que foi você quem escreveu mesmo isto — disse Eleanor, maravilhada. — Sempre quis escrever um livro, mas onde arranjaria eu tempo? Ainda ontem estive três horas e meia a passar a roupa da minha nora. Estou sempre ocupada. Nem tenho tempo para ler um livro, quanto mais escrevê-lo…

— Pois. Claro. Eu compreendo…

— Mas vou ler o seu — exclamou Eleanor quando Bernadette se preparava para aceitar os livros de volta. — Se me emprestar um.

Bernadette pegou à mesma nos livros e perscrutou-os em busca daquele que tinha estado a ler até às três da manhã daquele dia — não porque fosse excelente, mas porque se ia emprestá-lo a Eleanor Ferguson, precisava pelo menos de ter uma ideia do que se tratava.

— Aqui tem. Este foi o primeiro que escrevi. E não se preocupe, não vou ficar ofendida se o detestar.

Eleanor agarrou-o avidamente com ambas as mãos. Os primeiros romances não eram sempre autobiográficos? Aquela era a maneira perfeita de ficar a conhecer a estranha vizinha reclusiva. — Tenho a certeza de que é maravilhoso — declarou ela com um ar de grandeza. — Mal posso esperar.

— E agradecia que mantivesse segredo disto… — O tom de Bernadette era delicado. — Eu sei que nem preciso de pedir; posso contar com a sua discrição. Só que… bem, o resto da aldeia…

— Não precisa de dizer mais nada. Os meus lábios estão selados. — Eleanor inclinou-se regiamente para a frente. — E há bocado eu estava a pensar que carregar com aquele regador pesado para a frente e para trás no jardim não pode estar a fazer-lhe nenhum bem às costas. Bem podia usar a sua mangueira, sabe? Acho que, tendo em conta as circunstâncias, eu posso fazer de conta que não vejo.

Já de saída, segurando ainda triunfantemente o livro contra o peito, Eleanor viu uma pequena fotografia emoldurada numa mesinha altamente polida. Intrigada, visto que não havia mais fotografias à vista, parou e pegou nela.

— Ela parece simpática.

A fotografia era de uma mulher magra, na casa dos trinta, que sorria timidamente. — Quem é? — Eleanor agitou a moldura a Bernadette. — Irmã mais nova?

— Eh… apenas uma amiga.

Oh, céus. Quando viu a cor subir rapidamente às faces de Bernadette, Eleanor entendeu de imediato. A boca contraiu instantaneamente com repulsa e desaprovação. Estava já arrependida de ter sido tão amável.

Não admirava que a Bernadette Thomas sem marido e sem filhos fosse tão reservada.

Eleanor sabia perfeitamente bem o que «Eh… apenas uma amiga» queria dizer.

Regressada a casa depois das aulas, Harriet despiu o uniforme e colocou uma T-shirt e uns calções. Quando se admirou ao espelho do guarda-roupa, o coração caiu-lhe aos pés. Cabelo castanho liso, olhos cinzentos e uma figura completamente inútil sem curvas como uma salsicha… que diabos, quando é que ia começar a sair?

Por este andar, vou acabar num asilo de velhos, com oitenta anos de idade, a empurrar um andarilho e ainda a usar um sutiã com enchimento, pensou ela, olhando pela janela do quarto e reconhecendo as passadas largas e lentas de Dizzy Gillespie, que percorria a Compass Lane em direção, sem dúvida, à loja da aldeia.

Hum, ele também não passa de um cretino. Como todos os outros — obcecados com mamas.

E porquê? Porquê?, perguntou-se Harriet com frustração. *Para quê?!*

Arrastou os ténis de debaixo da cama, abriu a gaveta das meias e tirou um par de peúgas cinzentas grossas de hóquei do último inverno. Depois enrolou cuidadosamente cada uma, puxou a T-shirt para cima e prendeu-a com o queixo, enfiando as meias no sutiã que, por sorte, era bastante elástico.

— Oh, olá! — Dizzy teve o cuidado de parecer bastante surpreendido quando viu Harriet. Preferia morrer a admitir que tinha estado por perto na esperança de dar de caras com ela desde que a vira sair do autocarro da escola.

— Oi. — Harriet segurou firmemente a trela de Relâmpago quando o cão, a latir alegremente, se lançou a Dizzy. Com um enorme orgulho, disse: — Ele chama-se Relâmpago. É o nosso cão novo, fomos buscá-lo ontem.

— Isso não é nada — disse Dizzy. — Nós arranjámos um irmão novo.

— O quê? Estás a dizer que a tua mãe deu à luz? — Harriet ficou de queixo caído. — Credo!

— Não… é o Oliver Roscoe.

— O Oliver? *Credo*!

— Parece que a mãe dele teve um caso com o nosso pai, há eras. — Dizzy dobrou-se e acariciou despreocupadamente as orelhas de Relâmpago.

— E não é estranho? — Harriet fez um ar perplexo. Ela achava que devia ser extremamente estranho ter um meio-irmão já adulto aparecido do nada.

Dizzy encolheu os ombros. — Não sei. Ainda não o conheço bem. Não se pode ter uma conversa com a Savlon por perto. Mas ele parece-me fixe.

— Deita, Relâmpago! — Harriet deu um puxão na trela quando o cão tentou entrar no caixote do lixo à porta da loja. — Ele quer o papel daquele

Corneto. Eu ia agora passeá-lo ao bosque de Compass Hill, dar-lhe uma visita guiada já que ele é novo na zona.

Quando ergueu o olhar, Harriet viu Dizzy a fitar-lhe o peito. Por uma fração de segundo, entrou em pânico — mas, não, não havia problema. Não era um olhar do tipo tens-meias-enfiadas-no-sutiã. Era um olhar de admiração. *Pela primeira vez na vida estou a ser comida com os olhos*, pensou ela, encantada. *Agora já sei como a Moll Harper se sente. Caraças, não admira que ela esteja sempre com um ar tão satisfeito!*

A desilusão do dia anterior com Dizzy, quando ele tinha — ugh! — olhado para Moll de modo tão pervertido, tinha-se evaporado como neblina matinal. Agora ele estava a olhar para *ela* e Harriet sentia uma emocionante sensação de poder.

Já não se sentia desinteressante, sentia-se como… oh, como uma feiticeira…

— Sou novo na zona — disse Dizzy. — Posso ir também na tua visita guiada?

Corada de triunfo, Harriet estava demasiado ocupada a ser uma feiticeira para reparar que Relâmpago estava a aproximar-se do tentador papel do Corneto. E tão-pouco sabia que já a ocupar aquele papel estava uma contente vespa. Relâmpago lançou-se, agarrando o papel com a boca. A vespa, indignada, zumbiu furiosamente e picou o cão no nariz. Ganindo, Relâmpago saltou do caixote do lixo e tentou esconder-se atrás de Harriet. Com a trela a enrolar-se em volta dos joelhos dela, ele fez mais um círculo frenético e Harriet, eficazmente laçada, caiu ao chão.

— Está tudo bem! — gritou Dizzy, agarrando Relâmpago pela coleira e desenrolando a trela das pernas presas de Harriet. — Já o segurei! Pobrezinho, que te fez aquela vespa? Isso vai ensinar-te a não enfiares o nariz nos caixotes do lixo. — Agachou-se e acalmou o orgulho ferido do cão. Como Harriet não se mexia, olhou para ela. — Já podes levantar-te. O que se passa? Estás magoada?

Harriet mantinha os braços cruzados sobre o peito. Podia não ter sido uma queda violenta, mas tinha sido suficiente para expulsar uma das peúgas de hóquei do sutiã super-recheado.

A preocupação de Dizzy transformou-se em alarme quando ele viu que parte do corpo ela estava a segurar. — É o teu coração?

Oh, sim, esplêndido, pensou Harriet, encolhendo-se quando Relâmpago se atirou para a frente com entusiasmo para lhe lamber a testa. *Liga para o 112 e chama uma ambulância, já agora. Diz-lhes que preciso de uma massagem às peúgas. Humilha-me completamente…*

Mas como Dizzy parecia prestes a fazer isso mesmo, ela disse estoicamente: — Estou bem, não é o coração.

Só a minha peúga.

Dizzy franziu o sobrolho. — Não me pareces bem.

— Sinto-me um bocadinho enjoada. — Harriet fez uma cara de enjoada e massajou um pouco o peito, indagando-se se conseguiria de algum modo recolocar discretamente a peúga no lugar. Mas não havia nada a fazer. Seria mais fácil conseguir enfiar uma alforreca numa garrafa de Coca-Cola.

— Talvez se começarmos a caminhar, tu fiques melhor. — Dizzy não era capaz de desviar os olhos. Daria tudo para poder massajar o peito dela daquela maneira.

Harriet pôs-se cuidadosamente de joelhos. — Não me parece. De facto, acho que vou para casa.

— Oh.

A peúga começou a escorregar. Harriet segurou-a antes de esta cair para fora da T-shirt. — Eu levo o Relâmpago. — Agarrou na trela do cão com a mão livre. Animal idiota. As faces dela ardiam quando ela se virou apressadamente em direção ao Antigo Vicariato. — Adeus.

Passava-se, definitivamente, alguma coisa. Ela não estava doente. Então o que é que ele teria dito para ela ficar tão chateada?

Sentindo-se totalmente rejeitado, Dizzy enfiou as mãos nos bolsos das calças largas esburacadas e disse num tom descontraído de quem não está minimamente ralado: — Ok, até qualquer dia.

Capítulo 12

Jessie foi visitar Lili quando saiu do trabalho às seis. Harriet estava a entreter Lottie e William na caixa de areia ao fundo do jardim, por isso tinham o pátio banhado de sol só para elas. Melhor ainda, como Freya já se tinha ido embora (com uma atenta Felicity), Lili podia mesmo relaxar e servir-se de um copo de vinho.

Ou até dois.

— Então o que foi que o Oliver lhe chamou? Pai?

— Só Toby.

— Céus, imagino… — Lili, que não conseguia fazer ideia, esticou as pernas pálidas e desejou conseguir bronzeá-las tanto quanto as de Jessie. — Foi embaraçoso?

Por debaixo da mesa, Jessie estava a dar batatinhas fritas a Relâmpago, que se tinha deslocado até lá para arrefecer à sombra e babar carinhosos fios de saliva sobre os pés descalços da dona. — De todo. Pensei que pudesse ser, mas não foi. Principalmente graças à Deborah, porque ela poderia ter tornado a situação embaraçosa. Mas não o fez, foi espetacular.

— E tu disseste que ela desapareceu durante uma hora… por isso ela não se importa de te deixar sozinha com o Toby. Não a preocupa? — sondou Lili. — O facto de vocês dois terem sido… bem, tu sabes…

Jessie estava ocupada a limpar os óculos de sol à manga da camisa branca. — Não, ela não é ciumenta.

— Oh. — Lili sentiu-se ofendida pela amiga. — Bem, acho que por um lado isso é bom…

— E nada lisonjeiro por outro — concluiu Jessie secamente.

— Bem, ela podia pelo menos ficar um bocadinho preocupada. — Lili estava indignada. — Como é que ela sabe que tu e o Toby não se vão apaixonar um pelo outro outra vez? Tu podias ser uma enorme ameaça ao casamento dela!

— Queres dizer, como é que ela se atreve a ser tão simpática? — brincou Jessie, adorando a forma como os olhos de Lili se iluminavam quando

ela saltava em sua defesa. — Como é que ela se atreve a acreditar que eu não lhe vou roubar o marido mesmo debaixo do nariz dela?

— Oh, já estás a gozar comigo! Mas como é que ela pode ter a certeza que não o farias?

— Ora. A Deborah Gillespie é deslumbrante. Nenhuma lista de «mais elegantes» fica completa sem o nome dela. Ela é glamorosa e encantadora e o mais simpática que é possível ser-se sem enjoar as pessoas. Mais ainda, — continuou Jessie, enumerando as razões com dedos manchados de tinta, — só precisamos de ler as colunas sociais para saber que eles são o casal mais feliz do planeta. E eu devia saber, — acrescentou com um breve e arrependido sorriso, — porque há vinte anos que leio tudo sobre eles. Garanto-te que ninguém prestou mais atenção do que eu àqueles artigos.

Lili abriu a boca e fechou-a abruptamente logo em seguida. Aquela era uma admissão e tanto, vinda da tão orgulhosa e ferozmente independente Jess.

Ao fundo do jardim, William resolveu divertir-se despejando um balde de areia sobre a cabeça de Lottie. Lottie gritou e deu-lhe uma sonora bofetada. William encheu as mãos com areia e atirou-a furiosamente à cara de Lottie. Lili foi ajudar Harriet a separá-los e deu graças por Hugh e Felicity não estarem presentes para testemunharem a confusão.

A ordem acabou por ser restabelecida.

— Mas o que sentes tu por ele? Quero dizer, relativamente a tudo o que se passou entre vocês? — arriscou Lili quando regressou. — A atração ainda existe?

Evasivamente, Jessie disse: — As coisas agora estão um bocado diferentes.

— E isso não é resposta. O que estou a dizer é se o Toby não fosse casado e esta noite te fizesse uma visita… — Lili arregalou os olhos cor de avelã, — e te agarrasse e te dissesse «Oh, Jess, nunca consegui esquecer-te»… *O que é que tu farias?*

— Ah, ele já fez isso.

— Estás a brincar!

— Sim, estou a brincar.

Jessie estava em pulgas para contar tudo a Lili. Mas sabia que não devia.

— Céus, odeio-te — lamentou-se Lili. O coração tinha começado a bater descompassado. Ela recostou-se na cadeira, batendo com a mão no peito amplo. — Não me faças isto.

A sorrir ligeiramente enquanto rodava o pé do copo entre os dedos, Jessie pensou: *Quem me dera que o Toby não mo tivesse feito a mim.*

Só que não era bem verdade. Ela estava contente por ele o ter feito. Raios, tinha adorado cada segundo maravilhoso!

Ela só desejava que ele não fosse casado.

— O que é isto? — Para mudar de assunto, Jessie pegou no livro que estava voltado para baixo sobre a mesa. — Não sabia que gostavas de romances campestres.

— Foi a Eleanor que o trouxe esta tarde. Sabes aquela mulher que vive na casa ao lado da dela? Foi ela quem o escreveu.

— A sério? A Bernadette Thomas?

Lili anuiu com a cabeça e sorriu abertamente. — Há meses que a Eleanor está a dar em doida por não conseguir descobrir nada sobre a nova vizinha. Mas ela insistiu mais uma vez e conseguiu finalmente arrancar alguma coisa da Bernadette. Ela cedeu e admitiu que era romancista.

Interessada, Jessie olhou para a capa, que tinha uma cadeira de baloiço, um gato a dormir e um grande relógio de sala antigo. Não era certamente um romance policial de John Grisham. — E a Eleanor leu isto? Gostou?

— Bem, é aí que a coisa fica interessante — disse Lili. — Ela insistiu para que eu o lesse primeiro. Pôs aquele ar de ameixa seca e disse-me que não tinha intenção de ler um livro com lésbicas assaltantes.

— Lésbicas *assaltantes*? Credo! — Jessie tornou a olhar para a capa. — Não é muito provável, pois não? Lésbicas amáveis e doceiras, talvez.

— Seja lá como for, eu sou a censora oficial. E a Eleanor está dividida entre sentir-se emocionada por viver ao lado de uma escritora (mesmo que esta não seja famosa) ou horrorizada pela descoberta de que ela é gay.

— Pobre mulher — suspirou Jessie, sentindo uma pena profunda de Bernadette. Ela sentiria pena de qualquer pessoa que fosse vizinha de Eleanor Ferguson.

— Não admira que seja uma pessoa tão recatada. — Lili estava a pensar praticamente a mesma coisa. — Eu costumava perguntar-me se ela não seria um pouco estranha… Tu sabes, se seria uma daquelas pessoas esquisitas que gostam de viver em clausura. Mas aposto que é por isto que ela é assim. Provavelmente tem receio que a restante aldeia seja tão tacanha de espírito quanto a Eleanor e que quando o segredo dela for revelado, a afoguemos no lago.

Estranho. Esquisito. Recordando as palavras de Toby na noite anterior, Jessie tentou imaginar Bernadette Thomas a enfiar uma carta anónima pela ranhura da porta da Sisley House. Bernadette: a tranquila romancista com o jardim carinhosamente cuidado, os vestidos à moda antiga e o cabelo castanho com um leve tom cobre sempre bem apanhado.

— Oh, meu Deus! — disse Lili com a voz entrecortada quando Jessie

lhe falou da carta anónima. — Que horror! Como é que alguém teve coragem de fazer uma coisa dessas? Nunca tinha acontecido nada assim aqui na aldeia.

Pois não. E Bernadette Thomas só se tinha mudado para Upper Sisley alguns meses antes…

— Talvez tenha sido alguém a querer brincar. — Jessie dobrou-se e esfregou as orelhas grandes, sedosas e confortantes de Relâmpago. O facto de Bernadette ser praticamente uma estranha na aldeia não era propriamente uma prova. — Pode ser que não volte a repetir-se.

— Quem fala? Oh, olá Melissa! Espera, ele está no duche. Doug!!

— O que é?

— A Melissa ao telefone!!

— Diz-lhe que saí.

— Não posso dizer-lhe que saíste, idiota! Acabei de lhe dizer que estavas no duche!!

No piso superior, Doug riu-se e continuou a ensaboar o peito.

No piso inferior, Jamie baixou a voz para um volume normal. — Melissa, escuta, eu pensava que ele estava no duche, mas… O quê?!

Até Drew, que estava na cozinha a fazer uma tosta, conseguiu ouvir o grasnido furioso do outro lado da linha. No minuto seguinte, Jamie estava a fitar um auscultador mudo.

— Ela desligou. Chamou-me canalha — disse ele, aflito, — e desligou simplesmente. Não percebo. O Doug é que a dispensou, como é que eu é que sou o canalha?

Doug, que descia as escadas com uma tolha verde-escura presa em volta da cintura, disse: — Há alguma coisa que se coma?

— Porque é que a dispensaste? — Jamie estava irritado. Ele nunca tinha dispensado alguém como Melissa.

— Ela ressonava.

Hum. Jamie indagou-se se, quando ela tivesse hipótese de se acalmar um bocadinho, Melissa poderia estar interessada em sair antes com um veterinário. O ressonar não o incomodaria, ele podia sempre usar tampões nos ouvidos.

Drew viu Jamie regressar à tábua de passar a ferro. Era fascinante ver um homem, um veterinário diplomado capaz de operar um canário, passar tão mal uma camisa.

Mas Jamie estava absorto na sua tarefa. Era noite de sexta-feira, ele não saía há eras e ia ao Rattles Club em Harleston.

— Tens a certeza de que não queres vir? — perguntou a Drew quando acabou de passar a camisa… até certo ponto. Afinal, um táxi partilhado era

uma tarifa de táxi dividida. — Vá lá, é noite de sexta-feira, — acrescentou ele persuasivamente, — aquilo vai estar apinhado de borrachos.

— A maior parte delas menores de idade — disse Drew. Céus, ele tinha vinte e nove anos, quase trinta. Era demasiado velho para rondar as discotecas em busca de miúdas que o iriam entediar de morte em apenas alguns minutos. — Do que falas tu com elas, depois de lhes perguntares em que escola andam?

Estupefacto, Jamie disse: — Quem quer falar?

— Seja como for, não lhes podes chamar borrachos. Isso está pelo menos dez anos fora de prazo. É quase tão mau como usar uma peruca e calças à boca de sino e chamares gajas às miúdas.

Jamie fez um ar de superioridade. — As calças à boca de sino estão de novo na moda, aí tens.

— Errado — disse Drew. — As calças à boca de sino estão de novo na moda para as adolescentes. Se tentasses usá-las, garanto-te que serias amplamente ridicularizado.

— Então não vens?

O telefone voltou a tocar. Doug atendeu.

— Não. — Drew acabou de comer a sanduíche e lambeu os dedos. — Podes ficar com os teus iscos, a tua música barulhenta e as tuas bebidas excessivamente caras. Eu vou ao Bells com o Doug.

— Credo, pareces um velho! — zombou Jamie. — E garanto-te que não vais conhecer nenhum talento decente no Bells.

Ainda ao telefone, Doug disse: — Ok, ótimo. Encontramo-nos no Bells às oito e meia.

— Não é a Melissa — disseram em coro Jamie e Drew quando ele desligou.

— Não é a Melissa. — Doug sorriu abertamente ao reemergir da cozinha bebendo uma lata de Coca-Cola. — É a Patsy.

— Patsy. — Jamie tentou lembrar-se. — É nova?

— Conheci-a esta manhã. Ela acompanhou a mãe às urgências, que estava com um fémur fraturado.

O coração de Drew caiu-lhe aos pés. Ele não queria passar a noite a ver Doug pôr em prática o seu tão conhecido charme enquanto a enfeitiçada Patsy sucumbia indefesa ao seu feitiço. Suspirou.

— O que foi? — perguntou Doug.

Drew fez um ar indeciso. — E eu vou ser a vela?

— Ora — protestou Doug, penteando o cabelo molhado e erguendo o sobrolho a Drew através do espelho. — Claro que não!

Capítulo 13

Às oito e meia, o Seven Bells estava a encher a bom ritmo. A disposição de Drew melhorou infinitamente quando Moll — atraente numa vestimenta com corpete em veludo vermelho-escuro e uma minissaia preta rodada — lhe piscou o olho e ignorou Doug por completo.

— Vocês saíram sozinhos esta noite? — perguntou Lorna Blake quando lhes serviu as bebidas. Lorna dizia sempre o que lhe passava pela cabeça, não tinha medo de ninguém, parecia ser capaz de manejar uma arma e ria-se a bandeiras despregadas das piadas mais porcas. Contudo, por debaixo da armadura era tão vulnerável como qualquer outra pessoa. Dedicada aos seus adorados gatos, admitia, sem constrangimentos, que eram como se fossem seus filhos. Quando, no ano anterior, um deles contraíra um cancro maligno no esófago, ela ficara tão desesperada como qualquer mãe. Porém, até esta dor ela guardara quase totalmente para si. Drew, que tinha acabado por ser obrigado a abater o gato, foi a primeira pessoa em Upper Sisley a vê-la chorar.

— Saímos sozinhos e andamos à procura da mulher dos nossos sonhos. — Doug apoiou os cotovelos no balcão e fez uma pobre imitação de desespero. — Do que estou realmente à procura é de alguém de cabelo liso pelos ombros, olhos verdes, um sorriso deslumbrante e um vestido branco sem mangas com botões amarelos à frente…

— Seu brincalhão! — gritou Patsy, encantada, por cima do ombro dele. — Eu aproximei-me com cuidado! Como é que sabias que eu estava aqui?

Drew e Lorna trocaram olhares. Pronto, já estava. Patsy estava completamente enfeitiçada.

Basta isto?, indagou-se Drew, maravilhado. *Bajulação desmesurada?*

— Então como foi que aconteceu? — perguntou ele a Patsy depois de Doug ter feito as apresentações e de lhe ter comprado uma vodka com água tónica. — A tua mãe partiu a perna, tu foste com ela ao hospital e, sem perceberes como, este médico cheio de lábia já te estava a convidar para sair.

Patsy sorriu e ergueu os olhos para Doug, continuando a acariciar carinhosamente a manga da camisa dele.

— Não foi bem assim — disse Doug. — Na verdade, foi ela quem me convidou para sair.

Vinte minutos depois, Oliver ruboresceu de prazer quando a porta se abriu e, envergando uma T-shirt «Manics on Tour» e uns calções caqui esfiapados, Savannah entrou no pub.

— Oi! Estás atrasada.

— Os meus pais decidiram vir também. — Enquanto se encavalitava num dos bancos, Savannah inspecionou as bebidas. — Devem estar a chegar. Acho que vou querer um copo de vinho tinto.

— Que tal branco? Temos um novo Chardonnay espetacular. — Oliver vasculhou o balde de gelo, encontrou a garrafa que procurava e mostrou-lhe o rótulo.

Savannah deu umas risadinhas quando umas gotículas de água gelada lhe caíram sobre as pernas. — Ok, irmão mais velho, se é isso que recomendas.

— Ali vêm eles — disse Oliver quando Toby e Deborah apareceram.

— Caraças! — murmurou Lorna Blake quando mais um breve momento de silêncio se abateu sobre o bar. — É como sermos visitados pelo raio da realeza. — Ela parecia divertida. — Porque é que as pessoas têm de ficar boquiabertas? A seguir vão começar a fazer vénias.

— Isto vai acabar quando a novidade passar. — Defendendo instintivamente a família, Oliver acenou com a cabeça em direção a Toby e Deborah. — De qualquer modo, a culpa não é deles.

Uma joaninha tinha poisado no pé de Savannah. Ao ver que ela estava temporariamente distraída, Lorna deu uma cotovelada a Oliver e disse com malícia: — Tu estás a dar-te muito bem com a filha, não estás? É muito simpática. E também é bonita. Embora eu não tenha a certeza que estejas à procura da imagem de irmão mais velho…

— Mas ele é. — Depois de tirar a joaninha do tornozelo, Savannah estava novamente atenta à conversa. — Ele é meu irmão.

Oliver fitou-a.

Estupefacta, Lorna olhou fixamente para Oliver.

Savannah desviou o olhar de um para o outro e disse: — Não era suposto eu dizer? É suposto ser segredo? — Arregalou os olhos em autodefesa. — Ninguém me disse para guardar segredo.

Era verdade, ninguém tinha dito. Mas apenas porque o assunto ainda não tinha sido abordado. Sentindo-se desconfortável, Oliver verteu o vinho gelado e indagou-se como iria reagir Toby.

Não precisou de esperar muito.

— Estás a falar a sério? — perguntou Lorna a Savannah.

— A falar a sério de quê? — Ao chegar ao balcão, Toby espetou as costelas da filha com os dedos. — O que fez ela? Pediu um gin com Baileys? Sav, já te disse que não podes pedir uma bebida que pareça vómito de gato.

— Oliver? — disse Lorna.

— Não olhes para mim — respondeu Oliver apressadamente. — Eu não disse nada.

— O que se passa? — perguntou Deborah.

Lorna, que nunca tinha receio de dizer o que pensava, voltou a sua atenção para Toby Gillespie. — O Oliver é seu filho?

— Sim, é. — Toby, por sua vez, sorriu para Oliver.

— Então… Então você e a Jess…

— Sim, fomos.

— Pronto — disse Savannah, bastante aliviada. — Eu bem te disse que não era segredo.

Lorna Blake estava embasbacada. — Mas… ninguém sabia de nada. Tu nunca nos disseste. — Voltou-se para Oliver.

Oliver disse simplesmente: — Eu nunca soube.

Ao reconhecer Drew numa das mesas ao fundo do pub, Deborah aproximou-se.

— Olá! Não me esqueci de que estou a dever uma chávena de leite.

— E detergente de louça — disse Drew.

— Para não falar nalgumas latas de cerveja. — Agarrada à testa, Deborah mimou uma ressaca. — Talvez eu devesse pagar-lhe um copo.

Corado de orgulho e prazer, Drew apresentou-a a Doug e a Patsy.

— Então é você o médico — disse Deborah. — Ontem à noite não nos vimos.

— Eu bem sabia que devia ter ficado em casa.

— E trabalha nas urgências, segundo me disse o Drew. É tão emocionante como parece na série *Serviço de Urgência*?

— Bem, — Doug sorriu, — o *Serviço de Urgência* é bastante calmo e monótono em comparação com o Harleston General.

— Então, como é ser-se namorada de um médico? — Deborah voltou-se para Patsy.

Patsy estava atordoada — estava a ter um dia e tanto! Primeiro a perna da mãe, depois Doug… e agora ali estava ela a conversar com Deborah Gillespie. — Ainda não sei, só o conheci hoje de manhã. — Riu baixinho e apertou o braço de Doug. — Mas não me importo se ele tiver de trabalhar muitas horas — continuou alegremente. — Estou certa de que vai ser fantástico.

Drew viu o olhar trocado entre Doug e Deborah.

— Sortuda — disse Deborah. — Há qualquer coisa de especial num homem de bata branca, — acrescentou com um sorriso cúmplice, — não acha?

— Podia sempre apresentá-la ao Ernie Alpass — ofereceu-se Drew. — Ele é o pasteleiro da aldeia vizinha.

— Ok, uma bata branca e um estetoscópio. Mas eu estou certa, não estou? — continuou Deborah. — Milhões de mulheres ficam com tremeliques nas pernas assim que veem um médico. Porque será?

Se alguém sabe a resposta é o Doug, pensou Drew secamente. *Tem certamente feito suficiente pesquisa ao longo dos anos.*

— A questão é, pode até ser a mulher mais respeitável do mundo, — disse Doug, — com um casamento feliz e completamente fiel. Mas se um médico lhe pede para tirar a roupa e deitar-se porque precisa de a examinar… bem, ela fá-lo. Excetuando os maridos, os médicos são os únicos homens no mundo a conseguirem vê-las nuas.

— A não ser que posem para a *Playboy* — referiu Drew.

— Então é uma questão de poder — refletiu Deborah, anuindo com a cabeça. Chegando-se mais a Doug, acrescentou: — Ah, mas e para os jovens médicos? É sempre uma excitação, ou acaba por se tornar algo entediante ver corpos nus de mulheres todos os dias?

— Está a brincar? — Doug contraiu os lábios. — Porque é que acha que usamos estas longas batas brancas?

A partir daí a conversa começou a tornar-se embaraçosa. Drew viu o que estava a acontecer e desejou não ter saído de casa. Desejou ter coragem para se levantar e sair, mas não teve, porque nesse caso Patsy não teria com quem conversar.

Não era culpa de Deborah, pensou com crescente irritação; ela estava a tratar Doug como tratava toda a gente, com uma simpatia e charme naturais. Drew, que tinha vivido o mesmo pela primeira vez na noite anterior, tinha ficado — ok, ele admitia — totalmente siderado. Talvez até um pouco fascinado. Mas com uma mulher tão deslumbrante como Deborah Gillespie, isso era completamente natural. Ficar fascinado era de se esperar. Qualquer pessoa que não ficasse tinha de ser bastante esquisita.

Mas a diferença entre nós, pensou Drew, *é que eu não assumo automaticamente que a Deborah Gillespie está também fascinada por mim. E o Doug pensa definitivamente isso.*

Doug não conseguia tirar os olhos de cima dela. Não conseguia parar de falar com ela e não conseguia falar com ela sem lhe tocar. Estava a disparar em todas as direções, a seduzir como Drew nunca o tinha visto seduzir antes.

A pobre Patsy estava a ser completamente ignorada. Sem dúvida que ela também não tinha ajudado, intrometendo-se entusiasmadamente no início com pérolas do tipo «Vi todos os filmes do seu marido» e «Gosto que pessoas famosas como vocês venham a um pub», mas não deixava de ser cruel.

Drew passou uma infeliz hora a tentar manter uma conversa cordial — para que talvez Patsy não reparasse na forma como Doug estava a ignorá-la — e a pagar centenas de rodadas de bebida. Às dez, Patsy já se tinha cansado. Lágrimas cintilavam-lhe nas pestanas quando ela arrastou a cadeira para trás e se levantou. Drew interrogou-se se ela estaria prestes a despejar a caneca de cerveja de Doug por cima da sua cabeça — o que teria sido bom — mas tal não aconteceu. Tudo o que Patsy lhe lançou foi um olhar de raiva, que, francamente, foi desperdiçado, já que Doug estava demasiado ocupado a namoriscar com Deborah para reparar.

Capítulo 14

Drew alcançou Patsy no corredor para as casas de banho. Ela deixou-se cair contra a parede caiada, agarrada à mala de cabedal branca como uma criança agarrada à sua fralda, com a boca a tremer e a cara manchada por causa do esforço que estava a fazer para não chorar.

— Que patife. Ele é sempre assim?

— Bem… é.

— É tão humilhante. Eu pensei que ele gostava mesmo de mim.

— Lamento — disse Drew. *Céus, que patético! O Doug faz-lhe uma coisa destas e eu é que peço desculpa.*

— Eu fiquei tão entusiasmada quando ele me convidou para sair. — A voz de Patsy começou a vacilar. — Disse a todas as amigas que dividem o apartamento comigo o quão elegante ele era e elas ficaram mesmo com in-in-inveja.

— Toma. — O rímel estava a começar a deslizar. No momento em que lhe passava um lenço, Drew constatou que estava a fazer outra vez o mesmo. Parecia que o mundo estava dividido em dois tipos de homens: os atraentes que faziam as raparigas chorar e os outros que forneciam o equipamento de limpeza.

— O que vou eu fazer? — Patsy assoou-se sonoramente ao lenço em frente de Drew, como nunca lhe teria passado pela cabeça assoar-se em frente a Doug. — Eu disse-lhes que não me esperassem esta noite. Não posso voltar agora; iam rir-se de mim.

Drew fez o supremo sacrifício.

— Olha, eu chamo um táxi. Vamos a Harleston. — Ele não queria, mas ela estava tão desesperada. — Levo-te ao Rattles, que tal?

— Não me parece. É lá que vão estar as minhas amigas. Eu disse-lhes que ia sair com um médico lindo de morrer. — Patsy estava desesperada, inconsolável. — Elas não vão ficar lá muito impressionadas, — disse ela a soluçar, — se eu aparecer antes contigo, pois não?

…

— Onde está a…? — perguntou Doug quando Drew reapareceu.

— Patsy. Saiu.

— O quê? Foi comprar uma bebida?

— Foi-se embora. Foi para casa. — Drew falava tranquilamente. — Estou espantado por teres dado pela falta dela. Mesmo que não tenhas conseguido lembrar-te do nome.

Deborah parecia horrorizada. — Está a brincar! Oh, céus, a culpa é toda minha. Eu sei que é. Só apareci para dizer olá e estou aqui há… — Olhou para o relógio. — Credo! Há uma hora! Pobre miúda! Não admira que se tenha fartado; quando eu começo a tagarelar, ninguém me para.

— Por favor, — disse Doug, — relaxe. Ela não era importante.

Os dedos de Drew fecharam-se sobre a tira de papel que tinha na mão. Mesmo com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces, Patsy não tinha conseguido evitar vasculhar freneticamente dentro da mala e rabiscar o número de telefone nas costas de um antigo recibo da Sainsbury's. «Para a eventualidade de ele querer ligar-me», dissera ela, vergonha misturando-se com desespero quando o enfiara na mão de Drew. «Eu sei, não precisas de dizer. Mas ele pode mudar de ideias.»

Drew amarrotou o recibo e largou-o no chão.

— Porco — disse Moll, que levantava copos na mesa ao lado.

— Mas você era importante para ela — exclamou Deborah, abanando a cabeça. — Isto é horrível, sinto-me pessimamente.

Moll estava a cantarolar para si enquanto limpava energicamente a mesa vazia. Grato pela distração, Drew observou a forma como os seus espantosos seios dançavam em perfeita consonância. Eram, decidiu, o Torvill & Dean dos seios.

Quando Moll olhou para ele e lhe fez um dos seus sorrisos, Drew disse em voz baixa: — Posso levar-te a jantar uma noite destas?

Ele tinha bebido o suficiente para lhe permitir falar sem dificuldade.

— Acho ótimo — disse Moll. — Ainda não tenho a certeza em que noites vou estar a trabalhar, mas posso perguntar à Lorna…

— Que tal vires comigo lá a casa hoje à noite? — Drew apercebeu-se de que não queria dormir com Moll algures durante a semana seguinte. Queria dormir com ela imediatamente.

O que Moll tinha de fantástico era o facto de nunca se sentir ofendida.

O que tinha de mau era por vezes dizer não.

Moll, que simpatizava com Drew, sorriu de novo e abanou a cabeça. — Não me parece, não esta noite. Estou bastante exausta.

Ele nem sequer teve hipótese de tentar convencê-la a mudar de ideias. Com uma última esfregadela de pano e um tinir de copo, Moll afastou-se.

Drew emborcou a cerveja e refletiu sobre o facto de aquela não ser nitidamente a noite em que ia conseguir ir para a cama com ela.

Pelo menos nem Doug nem Deborah o tinham visto a levar com os pés.

— Foi um prazer revê-lo — disse-lhe Deborah, levantando-se. Virou-se de Drew para Doug. — E foi também um prazer conhecê-lo. É melhor regressar para o meu grupo, já devem estar a estranhar a minha ausência. — Piscou o olho a Drew. — De novo.

Drew viu Doug sorrir para ela e apertar-lhe a mão. — Até breve.

Viram ambos Deborah regressar para a outra ponta do pub, colocar o braço em redor da cintura de Toby Gillespie e dizer algo que fez Lorna Blake atirar a cabeça para trás e rir-se.

— Ela é deslumbrante — disse Doug, expirando lentamente.

— O marido dela também acha — disse Drew.

Divertido, Doug mudou de assunto. — Uma pena a Patsy ter saído assim de repente. É esse o problema com miúdas como ela. São como agentes da polícia, nunca estão por perto quando precisamos delas.

— Ela estava a chorar.

— Vai sobreviver.

— És um merdas. — Drew empurrou a cadeira para trás e esvaziou o copo.

— A rodada é minha — protestou Doug quando ele se levantou. — Eu vou buscar estes.

— Para mim, não. — Drew não ia dar-se ao trabalho de ficar. Não ia dar-se ao trabalho de beber mais, mesmo que fosse Doug a pagar. — Vou para casa.

Drew acordou sobressaltado a meio de um sonho com Lili Ferguson. Por uma fração de segundo, foi capaz de recordar o sonho com extrema precisão: Lili estava a correr pelo largo da aldeia completamente nua, perseguida pela sogra que levava na mão uma pilha de batas brancas de médico. Eleanor Ferguson gritava: «Levei três horas a passar isto a ferro! Por misericórdia, veste uma, rapariga! Cobre-te antes que alguém te veja! És uma desgraça!»

E eu estava à porta do pub a vê-las, pensou Drew, *e gritei à Lili…*

Raios, eu gritei alguma coisa à Lili. Que gritei eu?

Mas era inútil. O sonho tinha desaparecido, deslizando como mercúrio. Drew desistiu de tentar lembrar-se e deitou-se de costas. Estava uma noite quente e ele tinha ficado com uma sede de morte. Espreitando para as mãos luminosas no relógio, descobriu que afinal não tinha estado horas a dormir. Era ainda apenas meia-noite e vinte.

Então ouviu uma porta ranger no piso inferior, logo em seguida o som de passos e constatou que tinha sido isso que o tinha acordado.

Deus, como estava com sede! Era isso que fazia beber quinze cervejas. Tornando a deitar-se de lado, palpou o chão ao lado da cama até sentir um copo de cerveja vazio. Ok, ele tinha chamado merdas a Doug, mas ele não devia ter ficado ofendido, pois não? Se lhe pedisse agora que lhe enchesse o copo com água da torneira da casa de banho, Doug fá-lo-ia. Tudo menos sair da cama.

Prestes a chamar Doug, Drew ouviu sussurros. Fechou a boca outra vez e escutou mais atentamente.

Havia dois pares de passos nas escadas.

Doug murmurou: — Não faz mal, ele está a dormir.

Momentos depois seguiram-se um ataque de riso e um guincho abafado. — Doug, larga-me! Nas escadas, não!

Drew fechou os olhos. Era a voz de Moll.

Com uma sede cada vez mais feroz, levou o copo empoeirado ao peito sem sequer reparar numa enorme aranha de patas peludas que saiu disparada do interior.

Capítulo 15

A jornalista do *Daily Mail* chegou na terça-feira seguinte às onze e meia em ponto.

— Vai ser horrível? — perguntou Jessie, ao ver o carro parar no caminho de acesso à casa. Ela estava apreensiva, nunca tinha tido de lidar com a imprensa.

— Não te preocupes, vai correr tudo bem. — Toby pousou o guião que tinha estado a ler e colocou-se ao lado dela à janela. — Esta mulher é uma das melhores. De qualquer forma é muito melhor fazer assim, tudo de uma vez. — Deu um aperto tranquilizador no braço de Jessie. — Assim que obtêm o que querem, deixam-nos em paz. Se começamos a fechar-lhes a porta na cara e a gritar «Não comento», temo-los à perna durante meses, a tentarem desenterrar escândalos e a inventarem todo o tipo de lixo.

A jornalista estava a sair do carro e a baixar os óculos escuros para conseguir examinar a frente da casa. Húmida com suor, Jessie só desejava poder estar de volta ao piso superior com o seu fato-macaco, a dar continuação à marmorização que tinha começado no dia anterior no quarto principal. As paredes já tinham sido preparadas, levado primário e duas demãos de tinta casca de ovo. Naquela manhã ela tinha começado a aplicar o vidrado, feito de óleo de linhaça, solvente Stoddard e tinta branca, em partes iguais. Agora, com um pincel de cerdas finas, uma escova de pelo rijo, uma pena de ganso e um pano macio, ela estava pronta para criar o efeito mármore.

Só que não é isso que estou a fazer, pensou Jessie quando soou a campainha da porta. *Estou antes aqui em baixo, prestes a ser entrevistada por uma das jornalistas mais perspicazes do meio*.

E como se isso por si só não fosse suficientemente assustador, Jessie tinha outra preocupação. A jornalista não ia apenas abordar tudo o que tinha acontecido no passado, pois não? Ia certamente perguntar o que Jessie e Toby sentiam presentemente um pelo outro.

Mentir a Lili era uma coisa, mas mentir convincentemente a uma jornalista perspicaz era outra completamente diferente.

Jessie rezou apenas para conseguir ser bem-sucedida sem ficar vermelha como um tomate.

Ela não corou, graças a Deus. Quando o assunto veio a lume, Toby riu-se e disse descontraidamente: — Não teria sido fantástico? Como um filme de Hollywood. Só que eu não seria casado nem teria uma família. Eu teria de ter sido um velho e solitário solteirão, amargo e profundamente infeliz durante vinte anos antes de redescobrir finalmente o meu amor perdido.

A jornalista riu-se também e Deborah bateu à porta e espreitou.

— O almoço está pronto. Vamos comer no terraço. Jess, é mesmo alérgica à lagosta, ou o Oliver está a brincar comigo?

— E você, Jessie? — perguntou a jornalista quando se dirigiam para o terraço. — Afinal, nunca chegou a casar-se, pois não?

— Mas também não passei os últimos vinte anos amarga e profundamente infeliz. — Jessie concentrou-se numa parede branca, que era suposto ajudar. *Oh, por favor, não posso corar, não posso corar…*

— Mas olhe para ele. Toby Gillespie, um ator extremamente famoso, espantosamente atraente. — A mulher mais velha baixou o tom de voz. — Deve certamente sentir ainda alguma coisa por ele.

— Já são águas passadas. — Jessie conseguia sentir a transpiração escorrendo-lhe pelas costas. — Crescemos ambos. Damo-nos bem. — Encolheu os ombros. — E é só isso.

— Mas amavam-se…

— Olhe, você por acaso come batatas cozidas requentadas?

— Bem…

— Continua a parecer uma batata cozida. Até sabe a batata cozida, — improvisou repentinamente Jessie quando saíam para o terraço, — mas foi requentada, por isso não é a mesma coisa.

Oliver, Savannah e Dizzy já estavam sentados em redor da mesa. A jornalista ficou encantada com Oliver e ele, por sua vez, respondeu-lhe às perguntas com alegre entusiasmo.

— Credo, não! Nunca quis ser ator. Uma vez obrigaram-me a fazer de burro numa peça de Natal da escola e isso desincentivou-me para o resto da vida.

— Ele contou-me isso — disse Savannah por entre risinhos. — Disse que um dos pastores passou a peça inteira a tentar enfiar-lhe uma cenoura crua pelo nariz acima.

— Uma vez fiz uma dessas — disse Dizzy, empolgado. — Bem, foi com uma fava, mas consegui enfiá-la no nariz, não foi, mãe? Lembras-te? Tiveste de me levar às urgências.

— Falando em urgências… — Deborah estava a rapar molho de sa-

lada do prato com um pedaço de pão. — Esqueci-me de lhe contar, Jess. Conhecemos o Doug Flynn na sexta-feira à noite. Ele estava no pub com o Drew.

A lagosta estava divinal; Jessie estava a fazer um grande esforço para não lamber o prato. Limitou-se antes a lamber os dedos e olhou para Deborah que estava sentada à sua frente. — Então, qual é o veredicto?

Deborah revirou os olhos escuros. — Bem, ele não se acha o máximo?

— Completamente. O suprassumo. — Jessie estava a sorrir. — O problema é que ele não é o único.

— Hum, bem me pareceu.

— Aquele sujeito com quem estiveste a falar eternidades? — Savannah parecia indignada. — Porque é que estão as duas a rir-se assim? Ele era mesmo lindo. Eu achei que ele era completamente…

— Nem sequer penses isso — protestou Jessie. — Os iogurtes têm um prazo de validade maior do que as namoradas do Doug Flynn.

Deborah deu uma palmadinha de consolo no braço da filha. — Aí tens, querida. Não ias querer ter uma data limite estampada no rabo.

— Ele desapareceu com a Moll na sexta-feira — disse Oliver.

— Bem, isso é permitido — disse Jessie com descontração. — Não vai despedaçar-lhe o coração, pois não? Ele sabe que está seguro com a Moll; são os dois farinha do mesmo saco.

— Céus, desculpe! — exclamou Dizzy, por derrubar acidentalmente o copo de vinho tinto da jornalista ao pensar nos seios de Moll.

O fotógrafo chegou quando estavam a terminar o almoço. Durante a hora e meia seguinte, tirou uma quantidade infindável de fotografias de grupo.

Jessie e Deborah estavam sentadas no relvado a vê-lo usar outro rolo com Oliver, Savannah e Dizzy, quando a jornalista voltou a juntar-se a elas.

— Oliver, aproxima-te mais do Dizzy — instruiu o fotógrafo. — E, Savannah, puxa a saia para baixo, querida. Não queremos ver as tuas cuecas.

— Ele não quer, certamente — murmurou Deborah a Jessie. — É gay.

A jornalista sorriu. — Vocês dão-se mesmo bem, não dão? Vou gostar de escrever este artigo. Os nossos leitores adoram uma história com final feliz.

— Venha visitar-nos no próximo ano, — disse Deborah, — nessa altura já pode estar tudo diferente. Pense, — continuou ela em tom de brincadeira, — o Toby pode sempre deixar-me pela Lorna, a proprietária do pub.

— O Dizzy pode ter um romance tórrido com a Moll, a rameira devoradora de homens — disse Jessie, juntando-se à brincadeira.

— O Oliver pode ser o rival dele. Os dois podem travar um duelo no

largo da aldeia. — Os olhos de Deborah cintilavam divertidos. — E a Savvy podia ficar perdidamente apanhada pelo médico diabólico, Doug. Claro está que ele lhe ia dar com os pés.

— Eu ia ter um caso com ele — protestou Jessie.

— Então vá em frente, — disse Deborah, generosamente, — você pode domá-lo. Ele pode apaixonar-se por si e a Savvy vai morrer de ciúmes.

Jessie, que tinha estado a tentar fazer uma guirlanda de margaridas, fez uma careta. — Já não estou a gostar desta ideia. Você pode ficar com o Doug, se quiser.

— Obrigada, mas não. — Deborah parecia alegre. — Eu já estou de olho no impetuoso Sr. Darcy.

A jornalista, que sempre ansiara por uma casinha de campo mas receara que a vida na aldeia pudesse ser entediante, fez um ar encantado. — Céus, ele é tão atraente e arrogante como parece?

Deborah desatou a rir às gargalhadas. — O Drew Darcy, abençoado seja, é tão arrogante e atraente como um velho sofá surrado. Savvy, tira o cabelo da cara. E para de abanar as pernas!

Protegendo os olhos do Sol do meio da tarde, a jornalista observou a tentativa do seu fotógrafo em organizar uma fotografia de Oliver e de Savannah sentados lado a lado no muro. — Olhem para eles, ambos tão louros e bronzeados. Fazem, sem dúvida, um par muito chamativo. — Sorriu para Jessie e Deborah. — Devem ter muito orgulho deles.

— Eu estaria muito mais orgulhosa, — disse Deborah, — se a minha filha não continuasse a mostrar as cuecas. SAVVY! — Ergueu de novo a voz. — Joelhos juntos, saia para baixo!

— Mas ela é uma menina linda.

— Oh, realmente a beleza foi toda para ela — concordou Deborah, virando-se de barriga para baixo e apoiando-se nos cotovelos. — Pobre Dizzy… bem, esperemos que ele melhore com a idade.

Deitado numa rede, uns cinco metros atrás delas, Dizzy já tinha percebido porque é que o fotógrafo estava a tirar muito mais fotografias a Savannah do que lhe tinha tirado a ele. Ela era a fotogénica, e ele o adolescente de cabelo escorrido. Ele estava habituado à falta de atenção e não precisava de ter escutado os comentários desagradáveis da mãe para saber que não era nenhum Brad Pitt.

Mas, ainda assim, magoava.

— Maravilha, ótimo, fantástico — trinava o fotógrafo, disparando, extasiado, por todo o relvado. — Ollie, chega a cabeça mais para ao pé da tua irmã. Isso, isso mesmo, és uma estrela.

Provavelmente, o fotógrafo também gostava de Oliver, decidiu Dizzy, fechando os olhos e balançando-se na rede. Puxou o boné mais para cima

dos olhos e abandonou-se à fantasia muito mais agradável que tinha ouvido mais cedo, a excitante sugerida por Jess.

Aquela em que eu tenho um caso escaldante com Moll, a devoradora de homens, pensou Dizzy.

Depois de a jornalista e o fotógrafo terem partido para Londres, Jessie regressou ao piso superior para dar continuidade à marmorização. Depois de lhe ter feito uma curta visita, Toby desceu e encontrou Oliver a comer um resto de salada na cozinha. Dizzy ainda estava na rede, Savannah estava a conversar com uma colega ao telefone e Deborah estava na sala de estar a ver ténis na televisão.

— Eu falei com a Jess e ela concordou. — Toby foi direto à questão. — Olha, essa tua viagem pela Europa. Quando estavas a planear fazê-la?

Oliver foi apanhado de surpresa. O que se passava ali? Decerto não estariam a sugerir que ele a cancelasse?

— Assim que tiver dinheiro suficiente — disse ele na defensiva. — Estou a poupar o mais que posso. A ideia é trabalhar aqui durante três meses, sair por três meses, voltar e trabalhar no pub por mais três meses e sair outra vez. Pelo menos é essa a teoria — concluiu ele preocupadamente. — Se o dinheiro permitir.

— Bem, podemos ajudar-te nesse aspeto. — Toby estendeu-lhe um cheque dobrado.

Oliver segurou-o e fitou o valor. — Não acredito. Cinco mil libras!

— Tenho muito para pôr em dia — disse Toby. — Por favor, aceita.

Oliver continuava a olhar fixamente para o cheque, estupefacto. — Isto é incrível. Podia ir já para a Europa! Podia partir amanhã!

— Não precisas de ter assim tanta pressa. E não penses que estou a tentar livrar-me de ti, — continuou Toby apressadamente, — porque essa é a última coisa que quero. Mas sei que é algo que queres fazer. E gostava de te ajudar.

Extasiado, Oliver enfiou o cheque no bolso das calças.

— Obrigado. Não sei que mais dizer. — *Paris, Toscana, Roma, Viena… posso visitar tudo…*

— Nada. Não precisas de me agradecer.

— Posso contar ao pessoal? Isto é, posso dizer à Sav?

Nesse momento o som do riso estridente de Savannah ecoou pelo corredor. Toby, que estava à espera de um telefonema do agente, ergueu o sobrolho, resignado.

— Claro. Isto é, se conseguires arrancá-la daquele maldito telefone.

Capítulo 16

Oliver e Savannah foram desterrados para o quarto dela.

— Para o meu pai é um horror ter de se ver na TV. — Savannah enfiou o filme no leitor de vídeo, atirou-se para cima da cama e vasculhou o interior do edredão amarrotado em busca do controlo remoto. — Sempre que queremos ver alguma coisa dele, temos de o fazer bem fora do alcance do ouvido dele. Por acaso, este filme é um dos meus preferidos. Não posso acreditar que nunca o tenhas visto. — Enquanto premia o botão de avanço rápido e saltava os anúncios a outros filmes, Savannah continuou a tagarelar: — Quatro nomeações Bafta, um Óscar para melhor atriz secundária e a canção do genérico ficou em primeiro lugar em sete países, incluindo a Bélgica, por isso, se visitares a Bélgica na tua grande viagem…

— Chiu — disse Oliver, tirando-lhe o controlo remoto e premindo a tecla *Play*. Deslizou, sentou-se no chão e aumentou o volume, indagando-se sobre o porquê de Savannah estar tão faladora. Alguma coisa se passava. Ele esperava realmente que não fosse o que pensava que era. — Vamos ver o filme.

Ele tentou, mas era difícil concentrar-se num tríler psicológico quando a pessoa que limava ruidosamente as unhas atrás dele não parava de dizer o que ia acontecer em seguida.

— Assim que ele adormecer, ela esquiva-se para ir encontrar-se com o advogado. Ela acha que ele está do lado dela, mas ele não está.

— Obrigado.

Viram Toby beijar a atriz.

— Esquisito, não é? Ver o nosso próprio pai beijar outra mulher. Toda a gente acha que ela é tão perfeita, — continuou Savannah, — mas o pai diz que ela tinha um hálito insuportavelmente mau, que foi como beijar o King Kong.

— Não consigo ouvir isto. — Oliver aumentou de novo o volume.

— Em seguida eles vão para Veneza encontrar-se com o primo do advogado. Vais visitar Veneza, não vais? Fazer aquelas coisas todas pirosas que os turistas fazem…

— Pronto — disse Oliver, desligando o vídeo e virando-se de frente para ela. — Chega. Venceste. E, já agora, porque não me dizes o que é que se passa? — O maxilar dele estava tenso. — Ou posso adivinhar?

Savannah evitou os olhos dele. Continuou a limar as unhas, cada vez mais rápido. — Não sei o que queres dizer.

— Não? Eu acho que sei.

— Então vá. — Lima, lima. — Diz-me tu.

— É o dinheiro, não é? — Oliver estendeu o braço e tirou-lhe a lixa das unhas; era um milagre ela ainda ter unhas. — O cheque das cinco mil libras. Tu achas que ele não mo devia ter dado.

Desta vez Savannah olhou-o diretamente nos olhos. — Eu gostava que ele não to tivesse dado, isso é certo.

— Porque achas que é injusto. — Oliver estava dilacerado com culpa. — Ele deu-me aquele dinheiro todo e não te deu a mesma quantia…

— Ora, não sejas idiota! — berrou Savannah de repente. — Não estou com inveja! Estou… Estou…

Perplexo, Oliver disse: — Estás o quê?

— Estou infelicíssima. — Ela desatou imediatamente a chorar. — Não quero que vás.

O que estava a passar-se? Impotente, Oliver disse: — Perdi-me.

— Eu sei, é isso mesmo — disse Savannah aos soluços, limpando os olhos com uma ponta do edredão. — Eu não quero perder-te. Acabámos de nos encontrar e a última semana tem sido tão fantástica… e agora vais-te embora durante meses e meses… e eu vou d-detestar t-tanto isso.

Extremamente comovido, Oliver afagou-lhe a cascata de cabelo louro. Ele tinha até um nó na garganta.

— Por favor, por favor, não chores. Também vou sentir a tua falta, mas não vai ser para sempre. Eu envio-te postais — disse ele, tentando tranquilizá-la.

— Oh, fantástico. — Savannah fungou. — Isso vai fazer toda a diferença.

— Podemos conversar pelo telefone.

— Não vai ser a mesma coisa! — queixou-se ela.

— Eu sei. — Oliver estava com um ar infeliz. Raios, agora ela estava a fazê-lo sentir-se pessimamente! — Mas se soubesses há quanto tempo sonho em ir para a Europa. Nunca tivemos dinheiro… eu nunca sequer estive no estrangeiro, sabes? O melhor que a minha mãe conseguiu arranjar foram umas férias num parque de campismo em Tomes.

Savannah pegou na sua camisa de dormir — na verdade, uma T-shirt tamanho XL dos Oasis — e assoou-se a ela. A cara de Liam foi a que ficou

pior. — E nós já estivemos em toda a parte. Céus, sou uma vaca egoísta! É que o *timing* é péssimo, só isso. — Desenterrou um sorriso fraco. — A culpa é tua. Porque é que não podes fazer o teu ano de intervalo ao mesmo tempo que toda a gente?

— Queres mesmo saber? — Oliver sorriu, extremamente aliviado por ela ter finalmente parado de chorar. — Eu andava com uma miúda. Éramos loucos um pelo outro. Quando ela disse que se ia candidatar a uma vaga em Exeter, não consegui suportar a ideia de ela poder conhecer outra pessoa. Então resolvi candidatar-me também. E entrámos ambos.

— Como é que ela se chamava?

— Claire.

— Bonita?

Ele fez um ar de ofendido. — Claro que era bonita. Não saio com avantesmas.

— E o que foi que aconteceu? — perguntou Savannah.

— Durou cerca de três meses. — O encolher de ombros de Oliver foi filosófico; tudo aquilo tinha acontecido havia três longos anos. — Depois a novidade passou.

— Mas quem acabou com quem?

— Afastámo-nos gradualmente. Eu gostava de desporto, ela gostava de cantar madrigais.

Savannah anuiu com a cabeça, imaginando uma rapariga bonita a gorjear canções do estilo que se cantam nas igrejas. Seria ela alta, ou baixa? Magra, ou gorda? Loura, ou morena?

Oh, meu Deus, pensou Savannah. *Estou com ciúmes da Claire…*

— Quando é que vais? — perguntou corajosamente a Oliver. — Estavas a falar a sério quando disseste que ias na próxima semana?

Subitamente, a próxima semana parecia demasiado cedo. Oliver pensou no passaporte novinho em folha que tinha tirado em abril, guardado em casa, na gaveta da roupa interior. De qualquer forma, seria um pouco em cima da hora para Lorna o substituir no pub. Ele não podia deixá-la na mão, pois não?

— Nada de pressas — disse ele a Savannah num tom tranquilizador. — Estas viagens levam tempo a ser planeadas como deve ser. Talvez daqui a uns dois meses.

Savannah estava aliviada. Dois meses eram oito semanas. Oito semanas eram muito tempo.

Ela anuiu com a cabeça. — Ok.

— Muito bem, — disse Oliver, oscilando o controlo remoto, — talvez pudéssemos assistir ao resto deste filme.

…

A campainha da porta tocou às oito daquela noite no momento em que Toby estava a descer as escadas. Quando viu o contorno de um capacete de motociclista através da janela com vitrais, assumiu que o seu agente tivesse enviado por correio o guião de que estava à espera.

Em vez disso, ao abrir a porta, ficou abananado com o intenso cheiro a alho.

— Entrega de pizzas — anunciou uma voz abafada, enfiando uma pilha de oito caixas nas mãos de Toby. Puxando uma conta do bolso, o rapaz acrescentou: — São setenta e três libras e oitenta.

— Desculpe, enganou-se na morada.

— Gillespie. Sisley House, Upper Sisley — disse o rapaz das entregas. Com as mãos já livres, levantou o visor. — Eh, você é aquele ator famoso! Pode dar-me um autógrafo?

— Não encomendámos pizzas nenhumas.

— Ora — protestou o rapaz. — Eu vim de Harleston! Nós nem costumamos vir assim tão longe, mas você prometeu pagar mais vinte libras pela entrega. Vê? — Apontou para a conta.

— Eu não prometi coisa nenhuma, — disse Toby, — porque não vos telefonei.

— O que foi? — Aparecendo atrás de Toby, Dizzy espreitou por cima do ombro do pai e fungou. — Pizzas? Eh, pai, maravilha! Estou a morrer de fome!

— Mas eu não…

— Sr. Gillespie, eu vim de muito longe. É a minha primeira semana neste trabalho. — O rapaz começou a parecer assustado. — Tem alguma ideia do que o meu patrão me vai dizer se eu voltar com oito pizzas frias e sem dinheiro?

Toby soltou um suspiro e pegou na carteira. Dizzy agarrou alegremente nas pizzas e desapareceu em direção à cozinha.

— Se calhar, é melhor metê-las no forno — disse o rapaz das entregas enquanto enfiava o maço de notas no bolso. — Tive um furo quando vinha para cá.

— Certo. — Aborrecido, Toby começou a fechar a porta. O rapaz colocou o pé à frente e deteve-o.

— Não se está a esquecer de nada, Sr. Gillespie? O autógrafo?

— Ugh! — Savannah examinou as pizzas com um ar de repúdio. — Têm todas anchovas extra. Porque é que fizeste isso, pai? Sabes que nenhum de nós suporta anchovas.

— Eu não encomendei o raio das pizzas, — disse Toby, exasperado, — muito menos as anchovas!

— Não sejas tão exigente. — Dizzy lançou um olhar de escárnio à irmã. — Podes muito bem tirá-las.

Savannah estava confusa. — Então quem é que as encomendou?

— Não sei. — Toby presumia que tivesse sido a mesma pessoa que tinha entregue a mensagem anónima. — Alguém com um péssimo sentido de humor.

— Bem, não podemos comer as oito — disse Deborah. — Porque não levo algumas aos vizinhos do lado? Talvez o Drew ou o Doug gostem.

Deborah levou três das pizzas até à Keeper's Cottage, mas tanto Doug como Drew estavam ainda a trabalhar.

Incapaz de acreditar na sua sorte, Jamie agradeceu a Deborah e ofereceu-lhe uma lata de Guinness que ela recusou com pesar.

Depois, ele sentou-se para continuar a ver o jogo de críquete, regou as pizzas com molho chili e comeu alegremente as três.